



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ALESSANDRA KÁTIA VICROVSKI

**QUESTÕES DE GÊNERO: ABORDAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS DE
HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO**

ERECHIM

2017

ALESSANDRA KÁTIA VICROVSKI

**QUESTÕES DE GÊNERO: ABORDAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS DE
HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para obtenção de grau de Licenciado em
História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

ERECHIM

2017

ALESSANDRA KÁTIA VICROVSKI

**QUESTÕES DE GÊNERO: ABORDAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA
DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador (a): Prof.^a. Dr.^a. Adriana Salete Loss

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Adriana Salete Loss – UFFS/ Erechim

Prof. Dr. Fábio Feltrin de Souza – UFFS/ Erechim

Prof.^a. Dr.^a Ivone Mendes Silva – UFFS/ Erechim

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

VICROVSKI, ALESSANDRA KÁTIA

QUESTÕES DE GÊNERO: ABORDAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO/ ALESSANDRA KÁTIA VICROVSKI. -2017.
104 f.:il.

Orientador: PROF.^a. DR.^a ADRIANA SALETE LOSS.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de HISTÓRIA ,
Erechim, RS , 2017.

1. GÊNERO. 2. LIVRO DIDÁTICO. 3. ENSINO MÉDIO. 4.
HISTÓRIA. I. LOSS, PROF.^a. DR.^a ADRIANA SALETE, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Camponeses lavrando.....	108
Figura 02- Dilma Rousseff.....	111
Figura 03- Carlota P. Queirós.....	112
Figura 04- Fotografia de um encontro Inter-Religioso.....	113
Figura 05- Deusa Tellus.....	113
Figura 06- Anunciação.....	114
Figura 07- Grupo de arianos.....	115
Figura 08- Luditas quebrando as máquinas.....	116

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha orientadora nesse trabalho a Prof. Dr^a Adriana Salete Loss, pela paciência e dedicação que teve comigo.

Ao Colégio Estadual Presidente Costa e Silva pelo empréstimo dos livros didáticos de História.

Agradeço de forma muito especial, meu namorado Cassiano May, obrigado por sempre me incentivar nessa longa caminhada, Te Amo.

Agradeço também as minhas irmãs, Aline e Adriana, pelo apoio e o orgulho que demonstram por mim, amo vocês.

Por fim, agradeço todos aqueles e aquelas que de alguma forma me ajudaram a concluir esse trabalho.

Dedico este trabalho, com todo amor que tenho no coração, a minha Mãe *Bernardete Lapinski* (em memória). Obrigado pelo tempo que esteve presente junto a nós. Você virou uma estrela lá no céu, mas eu sei que você sempre me acompanha, Te Amo para sempre.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema Gênero e o livro didático, tendo, como objetivo geral, perceber como as questões de gênero são representadas nos livros didáticos de História do Ensino Médio selecionados através do Plano Nacional do Livro Didático - 2015. Propõe-se analisar as questões de gênero nos livros didáticos de História a partir das imagens e dos textos, percebendo, dessa forma, como a Mulher é representada. As metodologias utilizadas para a produção do trabalho foram: pesquisa bibliográfica e documental e qualitativa e de caráter exploratória-interpretativa, bem como Análise de Conteúdo. Nos livros didáticos de História aqui analisados, as questões de gênero são apresentadas apenas como informações, não havendo discussão sobre as desigualdades nem sobre a forma como as imagens e os textos representam a Mulher.

Palavras-Chave: Livros didáticos. História. Gênero. Ensino Médio.

ABSTRACT

The present work has the theme Gender and the textbook, with the general objective of understanding how gender issues are represented in the textbooks of History of Secondary Education selected through the National Plan of the Didactic Book - 2015. It is proposed to analyze the Issues in the textbooks of History from the images and texts, thus perceiving how the Woman is represented. The methodologies used for the production of the work were: bibliographic and documentary and qualitative exploratory-interpretative research, as well as Content analysis. In the history textbooks analyzed here, gender issues are presented only as information, and there is no discussion about inequalities or how images and texts represent Women.

Keywords: Didactic books. History. Gender. High school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A MULHER NO CONTEXTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA, GÊNERO E O LIVRO DIDÁTICO.....	15
1.1A Mulher na Sociedade brasileira.....	15
1.2Apresentando gênero como uma categoria de análise.....	21
1.3 Revisão de literatura de trabalhos científicos referentes as questões de gênero publicados na ANPED de 2006 até 2016.....	26
1.4 O livro didático de História como um veículo de discussões sobre as questões de gênero	29
2. ONDE TUDO COMEÇOU E OS CAMINHOS DA PROPOSTA METODOLÓGICA.....	33
2.1 Caminhos da proposta metodológica.....	35
2.2 Procedimentos de investigação e análise.....	36
2.3 A escolha das imagens e dos textos.....	41
2.4 Segunda etapa de seleção das imagens e dos textos.....	41
2.5 O que as imagens e os textos dizem.....	52
2.5.1 Descrição das imagens.....	52
2.5.2 Descrição dos textos.....	96

2.6 Entre os discursos <i>convergentes</i> e <i>idiossincráticos</i>	101
2.6.1 Das imagens.....	102
2.6.2 Dos textos.....	103
3. “AS QUESTÕES DE GÊNERO: DIFERENÇAS OU DESIGUALDADES?”	104
3.1 A MULHER NA FAMÍLIA.....	104
3.2 A MULHER NO TRABALHO.....	106
3.3 A MULHER NA POLÍTICA.....	109
3.4 A MULHER E A RELIGIÃO.....	112
3.5 A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E O MASCULINO.....	114
3.6 A MULHER NOS DIFERENTES MOVIMENTOS DA SOCIEDADE.....	116
3.7 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DE ALGUNS LIVROS DIDÁTICOS.....	118
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
5. FONTES DE PESQUISA.....	123
6. REFERÊNCIAS.....	124

INTRODUÇÃO

Quem nunca escutou as frases, “Isso é coisa de mulher” ou “ Não faça isso, por que é coisa de homem”? As questões de gênero abordam a construção social e cultural das mulheres e dos homens, bem como os processos que envolvem essa construção do ser *feminino* ou *masculino*. Gênero estuda as regras e comportamentos vigentes nas diversas sociedades e que transmitem a concepção do que é ser mulher e do que é ser homem.

O termo gênero surgiu como uma categoria de análise, ao lado das de raça e classe, para substituir o termo Mulher, que remete a um determinismo biológico. O conceito é incorporado em estudos sobre a Mulher, para que não se remeta apenas a uma pesquisa centrada na figura feminina, em que diferenças sejam vistas somente pelo aspecto biológico, mas sim na construção dessa identidade, partindo de suas relações na família, no trabalho, na política, enfim, no cotidiano de cada um e em diferentes culturas. Assim, segundo Scott (1995) estudar o feminino indica estudar o masculino também.

A presença do livro didático nas escolas e dentro das salas de aula é tão rotineira para os futuros ou já experientes professores/as, que se deixa passar a sua utilização sem questionamentos sobre o que ele representa e como ele oferece as informações aos alunos e alunas de todos os níveis escolares. O livro didático passa por várias etapas até chegar à sala de aula, ele sofre várias intervenções, seja pelo autor/a, seja pela editora. O modo como vai ser escrito o conteúdo, a escolha das imagens: tudo isso é intervenção do autor ou autora. Esse instrumento pedagógico é um veículo de saberes bem como de transmissão de ideologias e de valores, que irão, no final, formar a consciência do (a) aluno (a). O livro didático de história pode ajudar a construir representações sobre as questões de gênero, que, sem a devida discussão com os alunos e alunas, pode perpetuar estereótipos. As questões de gênero são pensadas e apresentadas nos livros didáticos da forma que a sociedade deseja, reafirmando papéis normativos para homens e mulheres.

Assim, este trabalho se propõe a responder à seguinte pergunta: como as questões de gênero são representadas (ou não) nos livros didáticos de História do Ensino Médio. O objetivo geral é perceber as diferenças entre homens e mulheres e como elas são apresentadas nos livros didáticos de História. O objetivo específico é realizar uma revisão bibliográfica com autores pertinentes ao tema proposto, bem como artigos produzidos na ANPED entre 2006 a 2016,

objetivando identificar quais pesquisas e estudos foram realizadas sobre as questões de gênero. Para desenvolver essa pesquisa de caráter exploratório-interpretativo, foram analisadas oito coleções de livros didáticos de História do Ensino Médio, selecionados através do PNLD-Plano Nacional do Livro Didático- 2015, num total de vinte e quatro livros.

Para atingir esse objetivo, que foi identificar como as questões de gênero são representadas (ou não) nos livros didáticos de História do Ensino Médio, foram selecionadas imagens e textos com base em alguns critérios, como, por exemplo: a) nas imagens, a presença ou não da mulher, b) nos textos, procurou-se perceber como a mulher era apresentada em diversos contextos. Foram selecionados, em uma primeira leitura, 152 imagens e 188 textos. Como a quantidade de material levantado mostrou-se excessiva para o escopo de um trabalho de graduação, optou-se por selecionar vinte imagens e vinte textos, levando em consideração o material repetitivo, as idiossincrasias e as informações convergentes. Após a identificação e seleção das vinte imagens, bem como dos vinte textos, foi feita uma divisão segundo os períodos da Pré-história, Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea.

Para a descrição das imagens e dos textos, foram construídas algumas categorias, que são: “A Mulher na Família”, “A Mulher no Trabalho”, “A Mulher nos Diferentes Movimentos da Sociedade”, “A Relação entre Feminino e Masculino”, “A Mulher e a Política” e “A Mulher e a Religião”.

Após a descrição, virá a análise do material, dentro da categoria “As questões de gênero: diferenças ou desigualdades? ”.

O trabalho está dividido em três capítulos e organizado da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta a revisão bibliográfica com uma contextualização da mulher na sociedade brasileira. No segundo capítulo, foi abordado o surgimento do estudo e a descrição da proposta metodológica de investigação. O terceiro capítulo é composto pela descrição dos resultados dos dados e pela respectiva análise, bem como a apresentação de reflexões acerca da seleção crítica dos livros didáticos de História do Ensino Médio, dando destaque especial as questões de gênero. Este trabalho encerra com algumas considerações finais.

A importância deste estudo, bem como sobre as questões de gênero, se refletirá nos alunos/as, cidadãos/ãs que se deseja formar. Discutir e problematizar com os alunos as questões

de gênero é buscar uma sociedade mais justa, com menos desigualdade entre homens e mulheres, entre pessoas de classes diferentes, de religiões diversas, etc.

1. A MULHER NO CONTEXTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA, GÊNERO E O LIVRO DIDÁTICO

1.1 A Mulher na Sociedade brasileira

Viu, pois a mulher que o fruto da árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e de aspecto agradável e tirou do fruto dela, e comeu; e deu ao seu marido, que também comeu. E os olhos de ambos se abriram; e tendo conhecido que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram para si cinturas.

(Gênesis: 3, 6-7)

Quem não conhece este versículo da Bíblia? Deus criou o homem (Adão) depois a mulher (Eva); então, eles passaram a viver no Paraíso. Quando Eva come o fruto proibido, ela e Adão são expulsos do Paraíso, e assim está o mundo agora, mas o ponto que importa é que Eva é considerada até hoje culpada, e ela carrega, desde esse momento o pecado. Por outro lado, há a imagem de Maria, mãe de Jesus, salvadora que carrega no ventre o salvador de toda humanidade, uma mulher exemplar. A mensagem: só a maternidade redimirá a mulher do pecado original. É, então, imposto à mulher dois papéis. O primeiro é o de Eva como mulher degenerada, culpada pela expulsão do Paraíso e pelo sofrimento de toda a humanidade, portadora do pecado. Essa imagem serviria para denegrir a imagem da mulher. O segundo papel da mulher seria o de Maria, mãe, pura e obediente, papel que toda mulher “decente” deveria chegar a alcançar.

Mary Del Priori comenta, em seu livro *Histórias íntimas sexualidade e erotismo na história do Brasil*, essa visão cristã e ocidental.

Venenosa e traiçoeira, a mulher era acusada pelo outro sexo de ter introduzido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte. Eva cometera o pecado original ao comer o fruto proibido. O homem procurava uma responsável pelo sofrimento, o fracasso, o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher. (PRIORI, p.35,2011)

Em uma breve contextualização da história das mulheres no Brasil, este trabalho apresentará um panorama histórico da vida da mulher brasileira, e a visão que se tinha dela na época. Em um segundo momento, apresentará os índices de violência contra a mulher, e mostrará a diferença, nos dias atuais, dos salários entre homens e mulheres, com o objetivo de demonstrar que ainda persistem as desigualdades entre os dois sexos.

O Brasil, durante o descobrimento e o período da colonização, tinha um único objetivo para os seus “colonizadores”, como em toda a América Latina: produzir gêneros alimentícios ou fornecer minérios. A grande propriedade no Brasil deveria atender aos interesses da Coroa Portuguesa, em outras palavras: acumular riqueza para a metrópole, sendo assim até a independência do Brasil. A Coroa Portuguesa era católica, exigindo que seus súditos também o fossem, e, quem não fosse, sofria represálias.

Segundo Boris Fausto (2010) em seu livro *História do Brasil*, a família tradicional, patriarcal, “uma família extensiva, constituída por parentes de sangue e afins, agregados e protegidos, sob a chefia indiscutível de uma figura masculina” (p.73), em sua maioria era característica das classes dominantes. Entre as famílias mais pobres, esse modelo não existiu, e as mulheres tinham uma independência maior, pois, muitas vezes, não tinham marido. O mesmo ocorria nas classes dominantes: quando os homens viajavam para demoradas expedições, quem assumia o mando da casa era a mulher.

Mas, apesar dessa aparente independência da mulher branca, ela não deixou de ser considerada inferior aos homens, bem como não se deixaram de lado as restrições à sua conduta de mulher. Apesar de sua independência, sua maior missão ainda era a maternidade. Esse ponto é crucial: segundo Boris Fausto (2010) por mais que, em alguns casos, a mulher assumisse o comando da casa por ausência do marido, seja por viagens ou pelo falecimento, a mulher não deixou de continuar a ser cumulada de deveres, entre eles o de ser boa mãe e boa esposa. Mas, a independência da mulher não era considerada uma situação para se comemorar, e sim de tristeza, se não tivesse um homem que a comandasse.

Ainda segundo leituras de Boris Fausto (2010) a sociedade brasileira, no período colonial, era dividida entre os grandes proprietários, os cidadãos livres, ou povo, libertos, escravos e escravas – índios/as, negros/as, mestiços/as. As mulheres escravas, índias, mulatas e negras, eram consideradas inferiores, sem honra e sem valor algum, pois já nasciam escravas, e as restrições à conduta da mulher e as boas maneiras não caíam sobre elas. O mesmo acontecia com as mulheres solteiras e prostitutas, fossem elas brancas, negras ou mulatas.

No caso das mulheres negras e/ou índias, elas sofriam ainda mais preconceito, consideradas símbolos do pecado por sua beleza e liberdade, estavam sujeitas a violências físicas e sexuais, muitas vezes de seus patrões. Percebe-se que o que prevalece são os valores

que os homens depositam nas mulheres. Em qualquer classe social, o homem é considerado superior. A mulher, primeiro era propriedade de seu pai e, depois, de seu marido.

Durante o período da Independência do Brasil até a Primeira República (1889-1930), o Brasil passou por algumas mudanças, em especial uma reorganização de seus espaços urbanos. Com base no autor José Murilo de Carvalho, a modernização e a higienização começam a chegar ao país, pois o objetivo das classes ascendentes do período era transformar as capitais do Brasil em metrópoles “civilizadas”, tendo, como modelo, Paris e a Europa, símbolos de civilidade. A faculdade de Medicina, aberta durante o Império, teve o papel de disseminar novas ideias sobre higiene, saúde e conceitos sobre a vida familiar.

Mas, as mudanças não só atingiram as ruas, e sim também o cotidiano das famílias, pois uma nova sociedade se formava. As mulheres - da alta sociedade -, que antes só saíam de casa para ir à igreja, agora frequentavam restaurantes, cafés e confeitarias sofisticadas, pois as ruas estavam mais limpas, ainda que sempre acompanhadas. Mantinham, claro, sempre uma boa postura, comportando-se como “moças de família”, já que uma mulher caminhando sozinha pela rua era algo muito novo – então, cobrava-se das mulheres muito mais recato, para que não ficassem mal faladas. Assim, a mulher teve de aprender a se “comportar” em público, aprender como se comportar nas ruas, pois sua vida sempre fora voltada ao lar, poucas eram as situações que a levavam para fora de casa. É perceptível que, quando a mulher ganha uma pequena independência, por menor que seja, as vigilâncias sobre elas crescem ainda mais.

A autora Maria Ângela D’Incao escreve, em seu capítulo *Mulher e Família Burguesa* no livro *História das Mulheres no Brasil*: “Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães ” (2010, p.229). A mulher era o espelho de seu lar, da sua família e de seu marido. Mas, não foi somente nas famílias de classes ascendentes que houve mudanças. Com a urbanização das capitais, um movimento de migração da população pobre para os centros das cidades tornou-se comum. Essa população procurava trabalho nos centros das grandes cidades, pensando em melhorar um pouco sua condição. Mas, quando se instalavam na cidade, percebiam que levar suas vidas adiante não seria fácil. A mulher pobre, vendo que seu marido não conseguia sustentar sozinho a casa, começa a trabalhar fora, como empregada em casa de famílias, como lavadeiras, passadeiras, dentre outros. Essa situação levou a mulher pobre, que tinha que trabalhar fora, a

sofrer muito preconceito, pois não estava dentro de uma organização familiar tradicional, onde o papel da mulher deveria ser apenas cuidar dos filhos, do marido e da casa.

Pois, segundo Margareth Rago, no livro *História das mulheres no Brasil*, organizado pela autora Mary Del Priore (2010):

Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade. (2010,p.585)

Da mulher durante o período colonial, esperava-se que fosse recatada e se preparasse para seu maior dever, a maternidade, que a aproximaria do ideal de Maria, espantando o mal que Eva fez a toda a humanidade. A virgindade e o casamento eram os maiores bens de uma mulher de família, bem como sua pureza e castidade, o que era esperado das mulheres tanto da alta sociedade como da mulher pobre. Com uma visão ainda em um ideário período medieval, os médicos portugueses ignoravam descobertas científicas que estavam circulando pela Europa. A mulher era vista como um corpo reprodutor, tudo o que se estudava sobre as mulheres era voltado para a reprodução, sua principal obrigação.

Através da leitura do texto *Mulheres dos anos dourados* (2010) de Carla Bassanezi Pinsky, compreendemos que durante o período do Estado Novo e o período Democrático do Brasil, é perceptível o papel da imprensa na doutrinação da mulher. Circulavam revistas femininas voltadas para a mulher casada e para a menina que ainda não se casara. Circulavam edições especiais sobre como ser uma boa mãe, cuidar do marido e dos filhos, moda, culinária, como saber ser anfitriã em um jantar em seu lar - todos temas muito comuns, mas que carregam uma forte conotação ideológica. O que é necessário destacar é que as revistas femininas eram um veículo de ideologias, apresentando sempre a mulher como inferior ao homem, ingênua, e sem capacidade para tomar decisões.

Ainda nesse período, é notável o machismo para com as mulheres, seres considerados inferiores, fracos, mas belos, que alegam seus maridos com sua doçura e ingenuidade, situação parecida à do período colonial e à da primeira República. A mulher ainda é vista como objeto

que pertence ao marido ou ao seu pai; de todo modo, sempre à alguma figura masculina. Mas, nesse período, as revistas também destacam a beleza e o vestiário feminino, e como as mulheres devem se preocupar com sua aparência, diferentemente do período colonial, onde roupas muito chamativas não eram vistas com bons olhos pela sociedade. As revistas aconselham as moças, as mães e as novas esposas. Seus conselhos sobre namoro, culinária, o cuidado com os filhos e com o marido, faziam o maior sucesso entre as mulheres.

Mas segundo a autora Pinsky (2010) entre os anos de 1950 a 1980, o destino natural da mulher ainda era a maternidade. Os namoros ainda eram cheios de regras de boas maneiras, a mulher deveria “se dar ao respeito”. Assim, a mulher ainda estava tolhida por regras, gestos e boas maneiras. Mas, em 1956, uma notícia mudaria muita coisa no Brasil e no mundo. Nos Estados Unidos Gregory Pinkus e seu assistente G. Rock, inventaram a pílula anticoncepcional. Uma pílula que impedia o milagre da procriação, e que, desde o começo, teve a rejeição da Igreja Católica. Porém, para as mulheres, pode-se dizer que foi uma mudança bem-vinda, pois muitas mulheres chegavam a dar à luz a doze filhos, e muitas até morriam durante o parto. Com essa invenção americana, a mulher podia decidir a hora de ter um filho, o casal podia planejar sua família. Mas não foi só isso: a mulher, então, poderia decidir quando ter um filho, e assim, planejar sua vida, poderia estudar, trabalhar fora. Bem como o ato sexual, o sexo, deixou de ser necessariamente para a procriação, a mulher agora poderia amar sem ter medo de uma gravidez indesejável.

Ainda segundo Pinsky (2010) na década de cinquenta o crescimento econômico, nesse período, possibilitou a abertura de novas vagas de emprego, o que abriu espaço nas indústrias para que as mulheres pudessem trabalhar, com o objetivo de suplementar a renda da família e/ou aumentar os bens de consumo. E, com o tempo, o trabalho feminino foi sendo aceito pela sociedade, mas o fato é que não desapareceu a discriminação de gênero, nem na sociedade nem no trabalho. Outro ponto que merece atenção é o descompasso do salário da mulher em comparação ao dos homens, ainda que exerçam a mesma função.

Mas, isso não é uma característica apenas do século XX. Em pleno século XXI, essa desvalorização do trabalho e do salário das mulheres ainda existe. Segundo os dados do IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-, em 2014, as mulheres receberam, em média, 74,5% da renda dos homens, mesmo exercendo a mesma função. A pesquisa ainda mostrou que o

rendimento médio do homem é de 1.987 Reais; já o rendimento médio da mulher é de 1.480. O trabalho da mulher fora do *lar* ainda é considerado de apoio.

Se, hoje em dia, a maternidade não é imposta como o único “dever” da mulher, outras maneiras de atribuir a elas funções e impor-lhe restrições tomaram seu lugar. Gestos, atitudes, novas “boas maneiras”, até mesmo a forma de se vestir e a boa forma, são resultados de uma história de repressão e intimidação, e, por que não, de submissão de e para com as mulheres. Mas, o que persiste é a violência sexual vivida pelas mulheres, seja no trabalho, na rua, ou no *lar*. A menina é educada para resistir aos avanços dos homens, e, em contrapartida, o homem é “mulherengo” por natureza - contraditório isso, não?!

Assim, é relevante para o presente trabalho que se apresentem algumas informações sobre violência contra a mulher, seja ela física ou psicológica. Segundo Julio Jacobo Waiselfisz, autor do *Mapa de Violência no Brasil 2015. Homicídio de Mulheres*, podemos ver na tabela 9.3, que é sobre agressão por conhecidos, os casos que preponderam na pesquisa são por agressão de parceiros os ex-parceiros, sendo que 35,1% das mulheres pesquisadas sofreram agressões de seus atuais e ex-parceiros.

Já na estimativa de número de homicídios por idade simples em 2013, segundo o autor Julio Jacobo Waiselfisz, 4 mulheres são diariamente assassinadas pelos seus parceiros e ex-parceiros, representando 33,2% dos homicídios registrados no ano de 2013, resultados estes apresentados na tabela 10.1.

Segundo os registros do SIM/MS, entre 1980 e 2013, o País contabilizou 106.093 assassinatos de mulheres. Esse quantitativo corresponde ao universo de meninas e mulheres de cidades do porto de Americana ou Presidente Prudente, em São Paulo; Macaé, no Rio de Janeiro ou Itabuna, na Bahia. (BRASIL, 2015, p.71)

A cada ano, sobe a taxa de homicídio e violência física contra a mulher, o que é um dado alarmante. Com esses dados, pode-se afirmar, com alguma certeza, que, no Brasil, a violência, física e/ou psicológica, contra a mulher já se tornou uma cultura. Isso obriga a uma reflexão sobre os índices de violência contra a mulher no Brasil. Sobre a violência sexual, outro documento foi analisado: a pesquisa foi realizada pelo IPEA -Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-, em 2014, com o texto, *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)*. Segundo os dados dessa pesquisa, a cada ano no Brasil 0,26% da

população sofre violência sexual, o que indica que haja, anualmente, 527 mil casos ou tentativas de estupro consolidados no país, sendo que apenas 10% destes são reportados a polícia. A pesquisa ainda indica que, na maioria dos casos, o agressor é do sexo masculino. No caso de estupro contra crianças, o mais grave é que, em sua maioria, o agressor é um familiar ou amigo próximo da vítima. Contra adolescentes e mulheres adultas, 60,5% dos casos são cometidos por desconhecidos, e 9,3% pelos conjugues.

Quando se pensa e fala sobre violência sexual e estupro deve-se considerar, segundo a autora Samira Bueno no *Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2015)*, que 90% das mulheres no Brasil têm medo de serem vítimas de estupro. E como não ter? Como já foi adiantado: a violência contra a mulher no Brasil é uma cultura. O mais grave é que muitos desses casos de violência sexual acontecem dentro de casa, são cometidos pelos parceiros das vítimas. Ainda segundo a autora, apenas 10% dos crimes de violência sexual são registrados, pois, além de serem violentadas, as mulheres sentem vergonha ou medo do agressor e, muitas vezes, se sentem e são consideradas culpadas. Não se pretende aqui discutir amplamente as pesquisas apresentadas, e sim demonstrar como as mulheres, ainda no século XXI, sofrem preconceitos e violências, pois a ideia de que a mulher seja inferior ao homem perpetua a cultura de violência. É preciso discutir a situação da mulher na sociedade brasileira nos dias atuais.

É possível perceber que traços desses períodos históricos do Brasil ainda são reconhecíveis na sociedade. Alguns foram superados e outros ainda estão fortemente enraizados na sociedade brasileira do século XXI. E as relações de gênero podem contribuir para essa discussão, demonstrando como as representações de homens e mulheres são construções culturais e sociais, que se transformam com o passar dos tempos.

1.2. Apresentando gênero como uma categoria de análise

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.

Simone de Beauvoir, 1940.

Para começar a discussão, se faz necessário esclarecer o significado de gênero. Esse conceito abrange mulheres, homens e os símbolos que os norteiam. Gênero estuda a construção social e cultural de homens e mulheres, sendo que essa construção não é definida ou inerte a mudanças, à uma relação de poder entre os dois sexos, bem como, a própria construção do sexo

é mutável. O sexo, como gênero, é uma construção, que se dá através de padrões comportamentais, gestos, atitudes e personalidades de ambos os sexos, dando significado ao que seja ser mulher, homem ou transgênero. Gênero é também uma oposição ao determinismo biológico entre os sexos.

Gênero surgiu como substituto da palavra mulher, o conceito de gênero, assim, expressaria uma neutralidade no que se refere à mulher. Esse conceito também sugere que informação sobre as mulheres é, necessariamente, informação sobre homens. Sendo assim, os dois deveriam ser estudados juntos, porque um complementaria o outro. Segundo Pinski (2009, p.163), o conceito de gênero surgiu para “explicar historicamente a diversidade das formas de relações entre os sexos e as representações distintas do masculino e do feminino existentes em vários contextos e culturas”, ainda incorpora outras categorias como, classe raça, etnia, dentre outras. “Em outras palavras, a categoria de gênero remete à ideia de que as concepções de masculino e feminino possuem historicidade” (PINSKY, 2009, p.163).

Para Pelegrine (2012) a categoria de gênero recusa a simples substituição por mulher, e mais, o que o autor quer dizer:

Recusando o puro uso de gênero como substituto de mulheres, e como substituto simples das relações entre homens e mulheres, insere o poder e a política no conceito, de maneira a historicizar a própria ideia de relação entre os sexos, e recuperar a história da construção desta relação como arena de disputa política. (PELEGRINE, 2012, p.3)

Segundo Joan Scott, em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, o uso do termo gênero, “rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha pouco ou nada a ver com o outro sexo ” (1990, p.75). O que, segundo Scott, fez a História das Mulheres ter pouco impacto, pois ela pretendia estudar a mulher e o homem em esferas separadas, colocando assim a mulher em um lugar marginal, fora das questões e da história do homem universal.

Parte das historiadoras das mulheres tomaram gênero como uma categoria de análise, que permitiria investigar os diferentes significados produzidos sobre o ser masculino e feminino, contradizendo a ideia de que há uma identidade definidora do ‘homem’ e da ‘mulher’. Ou seja, o gênero seria uma alternativa à categoria mulher, tão questionada devido aos debates sobre o essencialismo. (MÉNDEZ, 2016, p.38)

Segundo Scott (1992, p.87), “A categoria de gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença”. O que a autora quer dizer é que o termo “mulheres” seria pequeno demais para explicar a mulher como sujeito, e que segundo ela “difícilmente poderia ser usado sem modificações”. Para Louro (2008) a diferença só existe se algum sujeito é tomado com referência, como por exemplo, o homem branco e heterossexual.

Quanto à diferença, é possível dizer que ela seja um atributo que só faz sentido ou só pode se constituir em uma relação. A diferença não pré-existe nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência. Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição-de-sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão “diferentes” todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem. (LOURO, 2008, p.22)

Sobre identidade e diferença, também vale citar Tomaz Tadeu da Silva; em seu texto *A produção social da identidade e da diferença*, o autor escreve que “Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas”. (SILVA, 2013, p.3)

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. (SILVA, 2013, p.4)

Segundo Pinski (2009) o diferencial dos estudos sobre gênero é que eles não precisam necessariamente investigar a categoria mulher ou homem, pode ser estudado o significado atribuído a objetos e atitudes (p.164). Segundo Louro (2008), a todo o momento, diversas esferas da sociedade estão intervindo em nossas vidas, ditando como nos vestir, comportar, amar, e no que devemos acreditar ou não, o que segundo a autora, *ajuda a construir nossos corpos, nossa identidade, nossos modos de ser e viver*.

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida

de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008, p.18)

Ainda segundo Louro (2008), não se pode esquecer da televisão e suas novelas, a mídia a publicidade, as revistas, da internet e muitos outros meios.

Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais. (LOURO, 2008, p.18)

Amílcar Torrão Filho em seu texto *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*, afirma que a diferenciação entre os sexos define as características que iram formar a identidade do masculino e do feminino. Ainda segundo o autor, “Não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade”. (2004, p.139).

“Sim, decididamente, fazer de alguém um homem requer, de igual modo, investimentos continuados. Nada há de puramente ‘natural’ e ‘dado’ em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura”. (LOURO, 2008, p.18)

Mas, a história das mulheres não deve ser menosprezada. Pois foi ela – a história das mulheres - que tornou a mulher um tema central. Para Joan Scott (2011), a mulher reivindicar um lugar de protagonista na história do homem universal, é uma nova forma de escrever essa história, que, segundo ela significa:

necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais. (SCOTT, 2011, p.80)

Mas, a história das mulheres não seria o suficiente para compreender toda essa categoria, essa ideia universal de mulher, pois ela não estaria livre de mudanças. Ao mesmo tempo em que o sujeito é mulher, ela pode ser uma mulher de raça, etnia, e classe diferente. E essas diferenças dentro da diferença fizeram surgir o debate sobre gênero como uma categoria

de análise. O campo de estudo que o conceito de gênero abrange amplia, por sua vez, a área de estudo para novas histórias de personagens que antes não tinham voz na história do homem universal. Pois, quando refere-se à História do Homem, deve-se, automaticamente, relacionar homens e mulheres, de diferentes raças, etnia, opção sexual e religião. Contudo, na prática, o que prevalece é a história do homem branco, heterossexual, e essas minorias não têm sua história estudada a fundo. O enfoque cultural e social da história, que os estudos de gênero destacam, possibilita resgatar as manifestações e experiências sociais, tanto individuais como coletivas, do passado de mulheres e homens, as quais são historicamente construídas, dando voz a quem antes não tinha.

Nessa perspectiva, a categoria de gênero, segundo a autora Maria Izilda S. de Matos (1998), enriqueceu e renovou a escrita tradicional da história.

A expansão e o enriquecimento dos temas de investigação propostos pelos estudos de gênero foram acompanhados por renovações dos marcos temáticos e metodológicos, enfoques e modos de análise inovadores que, além de questionar os paradigmas históricos tradicionais, vêm colocando novas questões, descobrindo novas fontes, enfim, contribuindo para redefinir e ampliar noções tradicionais do significado histórico. (MATOS,1998, p.69)

Algumas transformações no campo da historiografia foram proporcionadas pela Escola dos *Annales*, e são tidas como de fundamental importância para o campo de estudo das questões gênero. Isso apesar de nenhuma dessas transformações ter reservado qualquer atenção para uma história das mulheres, pois focavam apenas no campo econômico e social. Foi a terceira geração do *Annales*, a chamada *Nouvelle Historie*, e suas pesquisas direcionadas ao âmbito político e social, que abriu as portas para estudos sobre a vida privada, ao cotidiano, a família, ao casamento, sexualidade, etc., temas que permitiram a inclusão das mulheres na história. Não apenas seria incluído um novo objeto de estudo – as mulheres. O que se estava pretendendo era rever os próprios fundamentos da historiografia. Pois, até então, a História havia excluído e ignorado a mulher e outras minorias.

A utilização do gênero, no âmbito da produção do conhecimento histórico, possibilita não apenas “integrar” as mulheres na História, mas vai além, ao problematizar a produção das diferenças sexuais, de papéis sociais normativos, ancorados em determinismos biológicos e denunciar a divisão binária, naturalizada e hierarquizada do mundo [...]. (MAIA, 2015, p.211)

Segundo a autora Tânia Maria Gomes da Silva (2008), o conceito ou categoria de gênero não só permitiu que a história das mulheres fosse contada, mas abriu caminho também para a história das minorias, antes ignoradas, que, agora, fazem parte da História, desvendando o porquê de esses sujeitos até então terem sido excluídos da História. Os estudos de gênero foram a saída para o “essencialismo” da história das mulheres, que, por sua vez, se preocupavam com as origens e as causas primárias, com a hierarquização das relações entre mulheres e homens, sem refletir sobre os significados das transformações dessas relações, como se fosse algo a-histórico. Assim, a autora Carla B. Pinsky e a autora Joan Scott compartilham a mesma opinião, quando escrevem que as chamadas teorias do patriarcado e as correntes feministas marxistas não explicariam historicamente a diversidade das formas de relação entre os sexos nem as representações distintas entre o masculino e o feminino existentes em vários contextos e culturas.

Realizada a discussão sobre a categoria de gênero e dada a importância dos estudos dessa categoria, passamos então a apresentar alguns trabalhos científicos publicados na ANPED entre os anos de 2006 até 2016, com o objetivo de demonstrar o espaço que os estudos de gênero vêm ganhando entre pesquisadoras e pesquisadores de diversas áreas.

1.3 Revisão de literatura de trabalhos científicos referentes as questões de gênero publicados na ANPED de 2006 até 2016

Com o objetivo de perceber quais são os estudos que estão sendo produzidos sobre as questões de gênero, esta pesquisa deparou-se com dados que foram e estão sendo apresentados e publicados na ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - o que demonstra que a categoria de gênero está alcançando outros pontos, como por exemplo as concepções de feminino e masculino. Uma breve pesquisa sobre quais são esses estudos, mostrou que, de 2006 até 2016, mais de 200 artigos foram publicados na ANPED. É reservado um GT- Grupo de Trabalhos-Gênero, Sexualidade e Educação, para apresentar e discutir esses trabalhos. Para melhor expor os estudos que estão sendo produzidos e apresentados na ANPED, foi escolhido um trabalho por cada edição do evento. O autor, Paulo Rogério da Conceição Neve (2006) produziu e apresentou na ANPED um estudo sobre a “Violência, traição e gênero: uma briga de meninas em uma escola privada”, onde o objetivo foi apresentar alguns resultados de sua tese de Doutorado, que, naquele ano, estava em andamento. Em seu trabalho, o autor

pretende responder se a classe social e o tipo de escola (particular ou pública) seriam determinantes para a ocorrência de brigas entre meninas.

Em outro artigo apresentado na ANPED, “Gênero, sexualidade e desempenho escolar: modos de significar os comportamentos de meninos e meninas” da autora Maria Cláudia Dal’Igna (2007), a autora utiliza-se das questões de gênero para discutir a diferença do desempenho escolar entre meninas e meninos, com o objetivo de perceber quais pressupostos de gênero e de sexualidade poderiam estar atravessando e constituindo tais normas.

Um interessante artigo publicado na ANPED é o da autora Maria Simone Vion Schwengber (2008), “Ensina-se a mais antiga das artes às mulheres: a de ter filhos e tornar-se mãe carinhosa”. Aqui podemos perceber o papel atribuído às mulheres, o de mãe. Sua pesquisa é inspirada nos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, aproximando-se das teorizações pós-estruturalistas de Michel Foucault. Para esse estudo, a autora examinou a revista Pais e Filhos, no período de 1968 a 2004. Em seu trabalho, Schwengber demonstra o processo de construção do papel da mulher como “mãe carinhosa”, que cuida e protege seu filho através da educação das práticas corporais. Outro artigo publicado na ANPED em 2009, pela mesma autora também se refere à maternidade. “Pobres meninas “ricas” com a gravidez” busca compreender a experiência da gravidez precoce entre meninas da cidade de Ijuí-RS, partindo do questionamento “Quais os sentidos e significados da experiência [gravidez] para as adolescentes?” e das trajetórias afetivo-sexuais, familiares, educacionais.

Lucélia de Moraes Braga Bassalo (2010), com seu trabalho, “A educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil” publicado na ANPED, tem a intenção de entender porque se falava de educação sexual entre 1928 a 1945, e quais os saberes gerados a partir da colocação da educação sexual no centro dos discursos educacionais e higiênicos da época. Wânia Pasinato (2011) escreve um interessante artigo sobre feminicídio, intitulado ““Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil”, que discute sobre a violência contra a mulher pelo simples fato dela ser mulher, ou executada por seus companheiros, maridos, amigos íntimos, colegas de trabalho, etc. Segundo a autora, “femicídios resultariam de uma discriminação baseada no gênero” (2011, p.224), os assassinatos aconteceriam por ódio às mulheres.

“A subjetivação da mãe naturalista como modelo: a maternidade como efeito das pedagogias culturais”, artigo publicado na ANPED em 2012, da autora Karina Mirian da Cruz Valenca Alves, pretende, segundo a autora “dar visibilidade a diferentes discursos e enunciados que, enfocando a mulher na contemporaneidade, visam produzir um modelo de ser mãe apoiado em um conjunto de injunções e prescrições naturalistas, que posicionam a maternidade no centro do processo de subjetivação da mulher” (VALENCA ALVES, 2012, p.14). Problematisando também a forma como as práticas discursivas sobre a “maternidade natural” e sua influência na construção de certos modos de ser mulher-mãe.

Em 2013, as autoras Juliana Ribeiro de Vargas e Maria Luisa Merino Xavier, publicaram na ANPED um artigo intitulado, “A feminilidade em discurso: mídias musicais contemporâneas produzindo modos de ser jovem e mulher”. O artigo analisa e problematiza a influência da mídia musical na vida de meninas no último ano do Ensino Fundamental em uma escola da periferia na contemporaneidade. Partindo de perspectivas teóricas dos Estudos Culturais e os Estudos de Gênero, com o apoio de metodologias de cunho etnográfico, constituíram-se duas categorias analíticas: sexualidade e ostentação/consumo.

Em 2014, a autora Lucélia de Moraes Braga Bassal apresenta um novo trabalho na ANPED, intitulado “Igualdade ou Heteronormatividade? Jovens mulheres comunicando sentidos significados”, que apresentou alguns resultados de uma pesquisa sobre jovens mulheres que, num percurso eminentemente juvenil, desenvolvem uma estratégia de comunicação e formação, buscando compreender sentidos e significado.

Outro artigo publicado na ANPED, intitulado “Estranhando a norma” dos autores Luciano Ferreira da Silva e Fernando Seffner (2016), discute gênero: é uma investigação da trajetória do desempenho de meninos na escola que analisa “as implicações entre disposições curriculares e produção de masculinidades, com repercussões no desempenho escolar”. Os conceitos de gênero, masculinidade, norma e poder disciplinar são temas centrais na pesquisa dos autores. Segundo Silva e Seffner, “Os embates entre produzir-se homem, ser bom aluno, cumprir as exigências curriculares, viver sua cultura juvenil, ocupar-se com a preparação para o futuro, atender aos planos familiares, ser compreendido pelos professores, constituem o terreno pelo qual a trajetória dos alunos se desenrola. ”

Tornou-se necessário apresentar, brevemente, alguns estudos realizados na ANPED, para demonstrar que a categoria de gênero está, pode-se dizer, ganhando espaço entre os pesquisadores. Para uma sociedade justa e igualitária é de fundamental importância que se compreendam as diferenças e as respeitem. Se essas questões não forem discutidas, permanecerá a ignorância sobre o assunto e, assim, se perpetuarão preconceitos e desigualdades. Assim, ressalte-se a importância de se estudar gênero, pois somente estudando essas questões se poderá compreender as diferenças e evitar pré-conceitos que o senso comum tem como naturais. E o livro didático, como se verá adiante, está recheado de questões de gênero, e, como um veículo de saberes e conhecimentos, merece atenção.¹

1.4 O livro didático de História como um veículo de discussões sobre as questões de gênero

Desde seu surgimento, implementação e disseminação de fato nas escolas de todo o país, o livro didático como instrumento metodológico tem espaço garantido nas prateleiras das bibliotecas escolares e especialmente, dentro das salas de aula. O livro didático é polêmico, às vezes é criticado e, outras, elogiado, mas o estudo que se pretende realizar aqui é focado no aspecto ideológico e seus valores. Esses estão explícitos ou implícitos em seus textos e imagens, pois é constante a presença do livro didático durante o ano letivo inteiro, bem como a utilização dele pelos/as alunos/as.

O professor (a) toma o livro didático como auxiliar, tanto na preparação de suas aulas, como referência, ou ainda como guia. Por isso, a importância de se examinar em detalhe essa ferramenta, para que se tenha um panorama de como certos assuntos são apresentados e discutidos nos livros, e, neste trabalho, para refletir sobre as questões de gênero. Já o/a aluno (a), toma o livro didático como um livro que contém a verdade, um instrumento em que eles/as podem pesquisar e aprender. O livro deve ser pensado partindo do princípio de que os alunos e alunas já possuem um conhecimento prévio, uma identidade cultural, a qual é, muitas vezes, divergente daquela que é exposta no livro. Isso impede que o aluno e a aluna se reconheçam no livro didático.

¹ Não foram encontrados até o momento da realização desse trabalho, pesquisas referentes ao ano de 2015 disponíveis no site da ANPED.

O livro didático como ferramenta metodológica ajuda a construir representações não só sobre a mulher, mas também sobre classe, etnia, dentre outras. Muitas vezes, contudo, o livro não apresenta nem mulheres nem minorias quaisquer como sujeitos históricos, produtores de história. A partir de como são apresentados e discutidos os temas propostos, pode acontecer de se perpetuarem estereótipos que são tidos, pela maior parte da sociedade, como naturais e verdadeiros.

Segundo Oliveira:

Percebe-se que a forma como o livro-didático é concebido e que assim se faz chegar às escolas, nada mais nada menos se constitui como um retrato das concepções de mundo imaginadas pelos membros da sociedade civil: preconceitos, tabus, usos e costumes, práticas e vivências são todos assim retratados pelo livro-didático. (OLIVEIRA, 2011, p.141)

Segundo as autoras Kreniski e Senna (2013), o livro didático transmite conhecimento científico, bem como conhecimento do senso comum, e mais:

Com base nisso, entendemos que a representação apresentada pelo livro didático de história tem um caráter forte na formação do conhecimento histórico, por esse motivo as pesquisas em torno das temáticas de gênero. Pois, se o livro didático em muitos casos e em muitas famílias é o único meio de conhecimento esse passa ser o reprodutor da verdade absoluta existente entre o leitor e a história, causando assim um desconforto entre os historiadores de que essa história entendida como verdadeira legitima preconceitos e estereótipos contribuindo para as desigualdades sociais muitas vezes construídas devido à falta de compreensão necessária para o entendimento do proposto. (KRENISKI; SENNA, 2013,p.7)

Assim, temas como gênero - tratado superficialmente – terminam por serem pensados e reproduzidos como a sociedade deseja. Segundo Oliveira (2011), as mulheres quando são representadas no livro didático, bem como suas funções, são apresentadas “tais como a sociedade já os determinou”. A imagem da mulher é retratada dentro do *lar*, seu dever é cuidar da casa e da família; já o papel do homem é o de sustentar a casa, *botar comida na mesa*. Mas, essa distinção não é apenas feita aos adultos, as crianças também são cumuladas de atribuições de acordo com o sexo. A menina brinca com bonecas, desde muito cedo aprende como cuidar da casa e dos filhos, *ela é uma pequena mãe*, suas brincadeiras são voltadas para esse fim, para que, no futuro, seja uma ótima esposa e mãe. Os meninos brincam de carrinho, como se fosse sua futura profissão. Suas brincadeiras, diferentes das meninas, são voltadas para a esfera pública da vida. A família é retratada quase sempre com a composição de pai, mãe e dois filhos

- uma menina e um menino -, pois é o exemplo que a sociedade tem como natural, como o exemplo a ser seguido. Contudo, a família nem sempre é composta assim; atualmente, casais homossexuais podem adotar filhos (a) (s). E o livro-didático não representa esse modelo de família.

A autora Cristiani Bereta da Silva (2007) compartilha da mesma ideia exposta até aqui:

Textos e imagens presentes nos livros didáticos apresentam práticas sociais que configuram como dadas, situações que envolvem sexo e gênero, naturalizando assim homens e mulheres em papéis normativos, inscrevendo-os como sujeitos a-históricos que atuam na história a partir de atitudes e condições socialmente preestabelecidas. De modo geral, os livros didáticos utilizados nas escolas trazem apropriações persistentes de imagens que informam um “mundo” ainda bastante masculino, de raça branca, adulto, cristão, heterossexual; de grupos que vivem em cidades, de sujeitos que estão trabalhando, que são magros, sadios, entre outros padrões hegemônicos. (2007, p.229)

A forma como o livro didático expõe seus temas e imagens, a forma de escrita, tudo isso interage com o aluno.

Constituindo-se, nesse sentido, importante instrumento na formação da consciência histórica de crianças e adolescentes, em seus usos diversos. Além disso, como objeto e produto cultural traz consigo pedagogias que inscrevem padrões normativos e hegemônicos sobre os sujeitos, suas relações, comportamentos, etc. (SILVA, 2007, p.224)

O livro didático de História é um veículo de cultura e de valores que vão contribuir para a formação da consciência do/a aluno (a). Assim, a forma como o conteúdo é oferecido ao/a aluno (a) se torna de fundamental importância. O livro didático é produzido por homens e mulheres, os quais podem ter visões de mundo distintas e compreendê-lo de modos diferentes. Por isso, a maneira como se redige os livros didáticos irá construir os saberes dos alunos/as. O livro didático deve ser pensado para alunos e alunas de diversos gêneros, pois é necessário que o/a aluno (a), ao utilizar esse material, com ele se identifique.

O livro didático também é uma forma de criar e manter a memória impressa. Ajuda, portando, a criar uma identidade individual e também nacional, uma visão do mundo, perpetuando ideologias, informações e opiniões. Por isso, é importante discutir o livro didático e a forma como ele veicula informações ao aluno e à aluna. Esses irão ter em suas mãos, durante todo o ano letivo, o livro didático. Pode-se dizer, assim, que o livro didático é um

elemento divulgador de ideologias e um reproduzidor de representações sobre gênero. Logo, é imprescindível estudar e discutir o livro didático de História, já que esse material faz parte do cotidiano da escola e do/a aluno (a), e se tornou um importante suporte aos professores e professoras de História e de outras disciplinas. Já que é indiscutível a presença do livro didático na sala de aula, por que então não discuti-lo, para pensar como se pode utilizá-lo da melhor forma possível?

O livro didático deve ser pensado e produzido não apenas como um material impresso, um monte de resumos sobre diversos conteúdos que os alunos e alunas vão ter que decorar durante o ano letivo. Esse material deve ajudar os/as professores/as a mediar possíveis debates e discussões sobre os conteúdos do currículo. O livro didático de História deve estar preparado para atender alunos e alunas de diferentes idades, culturas, identidade, sexualidade, opção sexual, religião, etnia e classe, para que o aluno e a aluna possam se identificar com o material, para que não se sintam excluídos e excluídas da história, e sim, se sintam à vontade para se expressar. Claro que não se pode apenas esperar por mudanças – que talvez não venham - do livro-didático. A professora e o professor também são importantes no processo de construção do aluno e da aluna. Eles devem saber discutir e mediar essas discussões com seus alunos e alunas, para descentralizar visões de mundo estereotipadas, principalmente sobre as questões de gênero. Pois as experiências vividas pelos alunos e alunas dentro da sala de aula vão ajudar a construir pessoas críticas e ativas para a sociedade. Mas, o fato é que não é somente a escola que ajuda a construir a identidade do/a aluno (a).

É preciso compreender que o uso do livro-didático – bem como e as imagens e os textos presentes nele - influencia na construção do/a aluno (a) como sujeito, como pessoa. Segundo, Oliveira (2011),

Não se pode em nenhum momento subestimar a força que capacita ao livro-didático em disseminar valores, reafirmar posições, designar papéis e assim torná-lo como agente multiplicador cultural capacitado a ser objeto de ratificação de tudo que já está imposto socialmente. (OLIVEIRA, 2011, p.146)

Assim, fica o convite aos idealizadores e idealizadoras do livro didático a (re) pensarem a forma como ele está representado as questões de gênero. Pois, dependendo da forma como as questões de gênero são apresentadas no livro-didático, podem contribuir para a construção e manutenção de uma sociedade desigual e machista, assim como de outras mazelas sociais.

2. ONDE TUDO COMEÇOU E OS CAMINHOS DA PROPOSTA METODOLÓGICA

Gênero é uma construção social e cultural, abrange os significados que norteiam homens e mulheres que recusam para si o determinismo biológico que tanto tolheu a História da mulher. Mas o conceito, ou como diria Joan Scott (1990), a categoria de gênero, está sempre em construção, sofre intervenções em todos os âmbitos da sociedade, seja dentro de casa, na rua, no trabalho como na escola. Não se termina de aprender a ser homem ou mulher, cada indivíduo é atravessado por modos e caracterizações que o define homem ou mulher. Tudo isso se reflete nos livros didáticos, pois são escritos por indivíduos, homens ou mulheres, que estão também em construção, e são determinados por esses conceitos ou categorias de gênero.

Esse tema tem sua expressão nos Estudos Culturais, que surgem através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) e de seus pais fundadores, Williams (1958), Thompson (1963) e Hoggart (1957). Tempo depois, em 1964, Stuart Hall teve uma importante participação na formação dos Estudos Culturais, substituindo Hoggart na direção do centro. No momento em que os Estudos Culturais dão destaque e uma maior atenção para movimentos de expressão não-tradicionais, para as minorias, abrem-se as portas para as culturas populares, para as classes excluídas e para as mulheres, como por exemplo, o feminismo e os estudos de gênero. Como afirma Giroux (1999, p.52), a alta cultura não seria só dos *homens brancos*. Poder-se-ia dizer que ocorreu uma mudança de paradigma que passou a questionar as categorias unitárias e universais, tornando conceitos “naturais” como, por exemplo, “homem e mulher”, em conceitos históricos.

A corrente pós-estruturalista, durante a década de 60 do século XX, possibilitou o surgimento dessa vertente que são os “Estudos Culturais”. Por sua vez, isso abriu espaço para que as minorias e os diferentes grupos sociais pudessem produzir seus próprios significados e mostrar sua cultura para todo o conjunto da sociedade. Os Estudos Culturais deram ênfase,

também, em temas como: identidade, alteridade, diferença, subjetividade, saber-poder, significação e discurso, cultura, gênero, feminismo, raça, etnia, sexualidade, multiculturalismo e interculturalidade.

Segundo a autora Ana Carolina Escosteguy (2006):

Os Estudos Culturais não configuram uma "disciplina", mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade. [...] É um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado. (2006, p.6)

Outra característica dos Estudos Culturais é a diversidade de objetos de investigação, como, por exemplo, o feminismo e os Estudos de Gênero.

Segundo Stuart Hall (1996), o feminismo proporcionou uma ruptura teórica de fundamental importância nos Estudos Culturais. É importante salientar que o movimento feminista passou, ao longo dos anos, por transformações. Seu nascimento pode-se datar no século XIX, mas, cada nova geração apresenta uma nova versão do feminismo, ainda que todas tenham seu fundamento na luta pelo fim das desigualdades entre homens e mulheres, o fim da opressão sofrida pelas mulheres, sua autonomia e emancipação. É um movimento social que luta em prol dos direitos das mulheres, que se propôs a questionar os paradigmas das ciências, as definições tradicionais da sociedade, da política, do público, do privado, da liberdade e sujeição das mulheres, e que surge com outros movimentos sociais entre as décadas de 60 e 70 do século passado.

Os Estudos Feministas afirmaram a mulher como sujeito político e de conhecimento, com o objetivo de mudar sua condição social. Com o avanço e a organização dos Estudos Feministas, foi possível o surgimento de novos campos de estudo, como por exemplo, o conceito de gênero, o qual, depois de realizado um grande número de pesquisas com ele relacionado, cristalizou-se em um campo de estudo próprio, os Estudos de Gênero.

Segundo a autora Pinski (2009, p.163), o conceito de gênero surgiu para “explicar historicamente a diversidade das formas de relações entre os sexos e as representações distintas do masculino e do feminino existentes em vários contextos e culturas”, ainda incorpora outras categorias, como classe raça, etnia, e outras. “Em outras palavras, a categoria de gênero remete

à ideia de que as concepções de masculino e feminino possuem historicidade” (PINSKY, 2009, p.163). Assim, a proposta é discutir as questões de gênero representadas (ou não) nos livros didáticos de História do Ensino Médio e apresentar algumas reflexões acerca da seleção crítica dos mesmos. Desse modo, foi realizada uma pesquisa nos livros didáticos de história do Ensino Médio, selecionados a partir do Guia Nacional de Livros Didáticos PNLD 2015. A seguir, a descrição dos caminhos metodológicos percorridos.

2.1 Caminhos da proposta metodológica

A pesquisa qualitativa, de caráter exploratório-interpretativo, foi desenvolvida a partir do estudo documental de coleções de livros didáticos de História do Ensino Médio. A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2001, p. 14), “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Assim, no processo investigativo, os livros didáticos de História do Ensino Médio foram tomados como documento, que segundo Fonseca:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (2002, p. 32)

A seleção dos textos e imagens identificadas seguiu os critérios:

a) A codificação das informações e a categorização das convergências e idiosincrasias. A inferência, análise dos resultados à luz de referências teóricas.

Todo esse processo foi realizado segundo o referencial teórico da Análise de Conteúdo. Segundo a autora Laurence Bardin (1977), “A Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (pág.31), e o campo de aplicação segundo a autora é muito vasto.

Para o autor Roque Moraes (1999), a Análise de Conteúdo é uma metodologia utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos diversos, ainda segundo o autor

a interpretação é pessoal, não sendo possível uma leitura neutra, pois toda leitura é uma interpretação, sendo que é indispensável considerar o contexto para entender os significados do texto (pág.3). “É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem”. (Pág.3)

Segundo as autoras Caregnato e Mutti (2006), “ a Análise de Conteúdo trabalha com o conteúdo, ou seja, com a materialidade linguística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação”. (Pág.683)

2.2 Procedimentos de investigação e análise

Para o estudo, inicialmente, foi realizado o levantamento bibliográfico, o qual abrangeu a literatura concernente às questões de gênero na sociedade brasileira até os dias atuais, assim como alguns apontamentos de dados do IBGE. A revisão bibliográfica se deu a partir de autores pertinentes ao estudo, como Margareth Rago (2010), Guacira Louro (2008), Joan Scott (1990); (2010), Mari Del Priore (2010); (2011), além dos estudos feitos na ANPED de 2006 a 2016, o que constituiu o primeiro capítulo do trabalho.

Em um segundo momento, foi realizada a pesquisa documental, utilizando-se do Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 dos livros didáticos de História do Ensino Médio como justificativa das escolhas das coleções dos livros didáticos a compor a pesquisa. Essa opção foi devida ao fato de que o material é direcionado ao professor (a) para auxiliá-lo (a) na escolha das obras que serão utilizadas em suas aulas. O Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 Ensino Médio conta com dezenove coleções que podem ser analisadas e escolhidas pelos professores. O Guia ainda oferece uma resenha de cada coleção, para ajudar o professor e a professora na escolha do material.

O PNLD - Plano Nacional do Livro Didático - foi instituído em 1985, passou por uma reestruturação em 1993, mas foi somente em 2007 que chegou ao alcance do Ensino Médio. Com isso, foi possível distribuir livros didáticos de História para o Ensino Médio de todo país. Assim, “o PNLD se constituiu em um dos principais programas de política educacional, com grande repercussão no cotidiano dos professores e alunos de História. O primeiro resultado, evidentemente é o acesso universal ao livro didático”. (PNLD 2015, pág.9)

Para o estudo documental, foram selecionadas oito obras das dezenove coleções que o Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 Ensino Médio avalia, sendo o critério de escolha a disponibilidade das obras. Desse modo, foi trabalhado um total de vinte e quatro livros. Segue abaixo uma pequena apresentação dos livros didáticos selecionados, com base nos resumos apresentados pelo Plano Nacional do Livro Didático – PNLD 2015.

História em Movimento de Gislane Campos Azevedo Seriacopi e Reinaldo Seriacopi, 2º ed.2013.

Partindo de uma visão geral da coleção História em Movimento, com base na resenha apresentada pelo PNLD 2015, a coleção é organizada a partir de critérios temáticos, como por exemplo: “*Direito e democracia*” (v.1), “*diversidade cultural*” (v.2), “*Ética*” (v.3). Os capítulos seguem uma ordem cronológica linear, intercalando a História Geral, de matriz europeia, a História do Brasil, da América, da África e da Ásia.

A coleção História em Movimento propõe que o aluno se sinta participante da construção da História, e, para isso, parte de situações cotidianas, para que os alunos possam refletir e construir argumentos históricos cada vez mais elaborados.

História Geral e do Brasil de Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, 2ºedi. 2013.

A coleção História Geral e do Brasil orienta-se pela perspectiva cronológica linear e integrada da História Geral e da História do Brasil, com ênfase em seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Em cada unidade, a coleção apresenta exercícios e imagens, possibilitando desenvolver ações positivas para a formação do aluno como cidadão.

A coleção possui uma seção de *Atividades interdisciplinares com Geografia, Sociologia e Filosofia*, que possibilita ao professor desenvolver, com seus alunos, projetos interdisciplinares.

História, Sociedade e Cidadania de Alfredo Boulos Júnior, 1ºedi.2013.

Na coleção História, Sociedade e Cidadania, as temáticas seguem uma forma cronológica linear, intercalando temas da História Geral com os da História do Brasil, com

ênfase na abordagem política e econômica. Oferece uma variedade de fontes documentais, sobretudo nas seções *A imagem como fonte* e *O texto como fonte*, trabalhando as múltiplas visões sobre o processo histórico.

Cada volume contém um texto inicial que estabelece um primeiro diálogo com o aluno sobre a importância do estudo da História. Ao final de cada unidade, a seção *Debatendo e concluindo* retoma o tema da unidade, revisa conceitos e estabelece relações entre o passado e o presente.

A coleção também se compromete a discutir temas como cidadania, questões do meio ambiente e movimentos sociais, bem como atividades voltadas para a reflexão sobre esses temas. Contextualiza a presença da mulher em diferentes momentos da história e utiliza imagens e textos que destacam os idosos, as crianças e os adolescentes.

Nova história integrada de João Paulo Mesquita, Hidalgo Ferreira e Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, 3ªedi.2013.

Nessa coleção, anuncia-se a opção pela História Integrada e pela História Cultural. Sua organização curricular privilegia a disposição dos conteúdos segundo critérios de natureza cronológica linear, alinhando os conteúdos de História do Brasil com os de História Geral. A abordagem cultural é efetuada por meio da discussão de temas referentes às visões de mundo dos grupos sociais e às práticas culturais, com destaque para os de natureza religiosa.

A coleção apresenta um conjunto diversificado de recursos pedagógicos, como, por exemplo, imagens, textos, artefatos da cultura material, pinturas, fotos, letras de música, charges, quadrinhos e mapas. Nas sessões que encerram a unidade, a coleção oferece atividades que estimulam a reflexão sobre as relações passado-presente e a compreensão crítica da realidade.

Novo olhar História de Marco César Pelegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg, 2ªedi.2013.

A coleção Novo olhar História aborda os conteúdos históricos em sequência cronológica, intercalando capítulos de História da Europa, da Ásia, da América, da África e do Brasil.

Como o próprio título da coleção sugere, a proposta dessa coleção é de se alinhar à Nova História² dando enfoque a temas como a cultura de diferentes povos e a história das classes oprimidas, utilizando diversas fontes, adotando uma perspectiva interdisciplinar com as Ciências Humanas, bem como com outras áreas, a exemplo de Medicina, Física, Literatura, Biologia e Psicanálise.

A coleção utiliza-se de diversas fontes históricas sendo disponibilizadas, em todas as unidades, imagens para ilustrar e debater os conteúdos propostos.

As atividades voltadas para os alunos enfatizam a importância dos direitos humanos, direitos civis e princípios democráticos, contribuindo para uma formação cidadã. Essa coleção também oferece questões de Vestibular e do ENEM para os alunos resolverem.

História das cavernas ao terceiro milênio de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, 3ªedi.2013.

A coleção História das cavernas ao terceiro milênio segue uma ordem cronológica que privilegia a descrição linear e evolutiva dos processos históricos a partir de uma periodização europeia, intercalando conteúdos da História Geral, da História da América e da História do Brasil. Seu maior destaque é o tratamento dos diversos sujeitos históricos por meio de uma multiplicidade de fontes para a promoção da cidadania, mas também a diversidade de sujeitos apresentados em textos, exercícios e imagens, definidos por suas diferenças culturais, étnicas, nacionais ou de gênero.

As atividades propostas por essa coleção incentivam a prática da pesquisa e o trabalho com fontes diversificadas, a fim de estabelecer conexões entre o passado e o presente. A abertura dos capítulos se propõe a aproximar a História à realidade do aluno e, ao final de cada capítulo, as atividades são divididas em: Explorando o conhecimento, Pensando criticamente, Investigando, Decifrando o Enem e Questões de Enem e vestibulares. A coleção também destaca a importância do trabalho interdisciplinar.

Por dentro da História de Pedro Santiago, Célia Cerqueira, Maria Aparecida Pontes, 1ªedi.2010.

² Definir o que seja *A Nova História* ou *La nouvelle histoire*, não é fácil, pois ela é um agrupado de novas abordagens, partindo da ideia de que a realidade é social ou culturalmente construída. De forma resumida *A Nova História* substitui a História Tradicional que parte de uma visão de cima, dos grandes feitos e dos grandes homens.

A coleção Por dentro da História apresenta uma organização curricular que intercala conteúdos de História Geral, do Brasil, da América e da África, estruturados cronologicamente a partir dos povos ágrafos até o mundo contemporâneo, enfatizando, em diversos momentos, relações entre os conteúdos. A coleção incentiva o estudo de outros povos, outras épocas e outras culturas, com o objetivo de se pensar a pluralidade e a diversidade social e cultural.

Os volumes da coleção organizam-se em unidades que, por sua vez, são divididas em capítulos. Ao final de cada unidade, há duas seções: Projeto Interdisciplinar e De olho no Enem e nas Universidades.

Nota-se, nessa coleção, uma preocupação significativa com o tema da interdisciplinaridade. Bem como, para as propostas de trabalhos interdisciplinares utiliza-se de charges, fotografias, gráficos, pinturas, desenhos, cartuns, textos, poesia, fragmentos de obras literárias, músicas, fontes escritas e filmes para dar conta dos conteúdos de História.

História de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira, Georgina dos Santos. 1ºedi.2010.

O conteúdo dessa coleção incorpora os debates historiográficos e compreende a trajetória humana como um processo não linear, cujo movimento ocorre pela ação de indivíduos, dos grupos sociais e das estruturas institucionais¹.

A coleção História opta pelo ensino da História Integrada, em perspectiva cronológica linear, incorporando os conteúdos de História do Brasil com os de História Geral em períodos de tempo que vão das origens da humanidade ao tráfico transatlântico (volume 1); do colapso do Absolutismo à *Belle Époque* (volume 2); e do Brasil na Primeira República às revoltas árabes de 2011 (volume 3).

As imagens são utilizadas como fontes históricas e ilustrativas, articuladas ao conteúdo e integradas ao texto, favorecendo a compreensão e tornando-se mais um instrumento didático na aprendizagem da História. As atividades são encontradas ao final de

cada capítulo, distribuídas em seções e boxes. Essa coleção também incentiva o trabalho interdisciplinar.³

Desse modo, após a seleção e definição das obras apresentadas acima, passe-se à etapa dos procedimentos da escolha das imagens e textos.

2.3 A escolha das imagens e textos

A partir das obras selecionadas, foram exploradas imagens e textos, para constituir a compreensão do problema desta investigação. Assim, para a seleção, tanto das imagens quanto dos textos, seguiram-se os critérios:

a) Nas imagens, buscou-se identificar a presença ou não da figura da mulher; as formas de representação da mulher e do homem na sociedade, nos diferentes espaços, por exemplo: família, trabalho, movimentos e lutas sociais, nas profissões, etc. É inegável a presença das imagens no cotidiano das pessoas, de diferentes comunidades, de diversos países. As imagens possibilitam uma infinidade de leituras e interpretações, que podem variar conforme o leitor e suas informações, experiências, lembranças e imaginação de cada um. A imagem pode suscitar diversas questões ao leitor, ela leva a pensar sobre a realidade e a questioná-la. Segundo a autora Kehrwald (2011), “Aprender a ler os códigos do sistema de representação das artes visuais é tão importante quanto o entendimento dos sistemas numéricos e de escrita” (p.32). A imagem pode tornar visível o que passa despercebido para a maioria da sociedade, reproduzindo acontecimentos com uma leitura rápida e fácil. Para esse trabalho, as imagens tornam visíveis as questões de gênero que atravessam a sociedade, bem como a inter-relação com o cotidiano.

b) Nos textos, procurou-se perceber como a mulher é descrita nos temas abordados pelo livro didático e em temáticas como diversidade cultural, feminismo, movimentos e lutas sociais, e homossexualidades. Para os autores Fiorin e Savioli (1996, p.14), o texto “não é um amontoado de frases, ou seja, nele as frases não estão pura e simplesmente dispostas umas após as outras, mas estão relacionadas entre si”. Em seu artigo “Metodologias Qualitativas Análise de Discurso”, José Azevedo escreve: “Mesmo quando parecemos estar somente a descrever

³ É possível encontrar uma segunda edição do livro didático *História* produzida em 2013.

algo, os nossos comentários têm sempre outros efeitos, sejam eles de reforço ou de subversão, de ironia ou de apoio do que foi descrito”. (p.109)

2.4 Segunda etapa de seleção das imagens e dos textos

Elaborados os critérios para a seleção das imagens e dos textos, o segundo passo foi explorar as oito obras, com um total de vinte e quatro livros. Selecionaram-se 512 imagens, com base nos critérios elaborados, já explicitados acima no item 2.3. Constatou-se que algumas das imagens selecionadas se repetiam nas obras. Identificadas e contadas essas imagens repetidas, chegou-se em um total de 57. As imagens selecionadas foram de procedências diversas, desde desenhos, obras de artes, esculturas e fotografias.

Com base nos critérios, foram selecionados 188 textos no total. Esses se dividem entre 130 textos escritos pelo autor ou autores dos livros didáticos de História do Ensino Médio e 58 textos escritos por outros autores, bem como em box ou quadros explicativos. Desse total de 188 textos, apenas dois se repetiam mais de uma vez nas obras selecionadas.

Depois de selecionadas as 512 imagens e os 188 textos, o material levantado foi dividido em períodos históricos: Pré-história, Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea.

IMAGENS:

PERÍODO HISTÓRICO	QUANTIDADE DE IMAGENS
Pré-história	11
Antiguidade	59
Idade Média	31
Idade Moderna	95
Contemporânea	413

TEXTOS:

PERÍODO HISTÓRICO	QUANTIDADE DE TEXTOS
Pré-história	7
Antiguidade	59

Idade Média	17
Idade Moderna	33
Contemporânea	75

Diante do rico material de imagens e textos, constituiu-se outro critério para a seleção das imagens e dos textos: identificar as informações convergentes entre si, as repetições de materiais e as idiossincrasias. Posteriormente, para cada período histórico, e com base nos critérios explicitados acima, selecionaram-se vinte imagens e vinte textos, totalizando 100 imagens e 100 textos. Assim, a apresentação das imagens e dos textos selecionados também se dá a partir dos períodos históricos, conforme os quadros abaixo.

Do período da Pré-história selecionou-se 11 imagens⁴, que são:

- Técnica de agricultura, na página 8 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Mulher plantando sementes, na página 24 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Aldeia Neolítica, na página 30 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Imagem, na página 32 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Indígenas no México, na página 34 do livro História Sociedade e Cidadania II.
- Cenas do cotidiano dos Astecas, na página 34 do livro História Sociedade e Cidadania
- Organização social, na página 37 do livro Novo Olhar História I.
- Homens pintando, na página 32 do livro Novo Olhar História I.
- Vivendo na caverna, na página do livro História Geral e do Brasil I.
- Preparando o couro, na página 34 do livro Novo Olhar História I.
- Evolução humana representada com uma mulher, na página do livro História em Movimento I.

Já do período da Antiguidade, o número total de imagens selecionadas foi 59. São elas:

- Rapto das Sabinas, na página 103 do livro Por Dentro da História I, e no livro História I na página 74.
- Porto, na página 55 do livro Novo Olhar História I.

⁴ Foram encontradas apenas 11 imagens referentes às questões de gênero.

- Cena de família em mural, na página 57 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- Camponeses lavrando, na página 67 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Mulher tocando flauta, na página 84 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- Aspásia de Mileto, na página 125 do livro Novo Olhar História I.
- Cotidiano em Roma, na página 162 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Xilogravura, na página 177 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Camada social maias, na página 249 do livro Novo Olhar História I.
- Mulher candace⁵, na página 73 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Grupo de arianos, na página 97 do livro Novo Olhar História I.
- Mulheres incas negociando em merca do público, na página 255 do livro Novo Olhar História I.
- Deusa Tellus, na página 160 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Escultura de Cornélia e seus filhos, na página 151 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Relevo de um faraó e sua esposa, na página 75 do livro Novo Olhar História I.
- Estátua de mulher amamentando, na página 61 do livro Por Dentro da História I.
- Relevo do cotidiano doméstico, na página 90 do livro História Geral e do Brasil I.
- Rei Salomão e a Rainha de Sabá, na página 146 do livro História em Movimento I.
- Deusa Afrodite e seu filho, na página 161 do livro História Geral e do Brasil I.
- Cleópatra, na página 154 do livro História Sociedade e Cidadania I.

Do período da Idade Média, foram selecionadas 32 imagens. No total, são elas:

- Massacre Feudalismo, na página 174 do livro História I, e na página 195 do livro História em Movimento I, na página 237 do livro História Geral e do Brasil I.
- Calendário de doze meses, na página 174 do livro História em Movimento I, e na página 199 do livro Novo olhar História I.
- Imperatriz Teodora, na página 156 do livro História em Movimento I, na página 129 do livro Por dentro da História I.

⁵ Candace significa “rainha-mãe”, essas mulheres faziam parte do Reino de Kush.

- Casal burguês, na página 192 do livro História em Movimento I, na página 235 do livro Novo olhar História I.
- Mulheres sentadas na neve, na página 188 do livro História em Movimento I, e na página 218 do livro Novo Olhar História I.
- Joana D’Arc, na página 205 do livro História em Movimento I, e na página 241 do livro História Geral e do Brasil I.
- Burgo Medieval, na página 11 do livro Novo Olhar História II.
- Dona Marina, na página 13 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- Mercado, na página 143 do livro História I.
- A figura de Maria, na página 164 do livro Por Dentro da História I.
- Guerreiro jurando fidelidade, na página 194 do livro Novo Olhar História I.
- Cristine de Pisan, na página 130 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- Mulheres tecendo, na página 217 do livro História Geral e do Brasil I.
- Biblioteca, na página 220 do livro História Geral e do Brasil I.
- Cena Medieval, na página 215 do livro História Geral e do Brasil I.
- Corte do Trigo, na página 214 do livro História Geral e do Brasil I.
- Escultura de Joana D’Arc, na página 241 do livro História Geral e do Brasil I.
- Manuscrito Medieval, na página do livro História Geral e do Brasil I.
- Camponês lavrando, na página 187 do livro História em Movimento I.
- Madona de Todos os Santos, na página 176 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.

Da Idade Moderna, foram selecionadas 95 imagens no total. São elas:

- Escola de Atenas, na página 132 do livro História Sociedade e Cidadania I, na página 221 do livro Novo Olhar História I, na página 242 do livro Nova História Integrada I, na página 54 do livro História Geral e do Brasil I.
- Os provérbios, na página 184 do livro Por Dentro da História I, e na capa do livro História I.
- Pais Peregrinos, na página 21 do livro História das Caverna ao Terceiro Milênio I, na página 64 do livro História Sociedade e Cidadania II, na página 105 do livro Nova História Integrada II.

- Gravura Dança, na página 56 do livro História em Movimento II, na página 72 do livro História Geral e do Brasil II.
- Jesuítas no Brasil, na página 305 do livro História I, na página 11 do livro História Geral e do Brasil I, na página 243 do livro História Sociedade e Cidadania I, na página 43 do livro História em Movimento II.
- Mameluca, na página 278 do livro Nova História Integrada I, na página 50 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 91 do livro História Sociedade e Cidadania II, na página 71 do livro História Geral e do Brasil II.
- Mulher Tapuia, na página 277 do livro Nova História Integrada I, na página 117 do livro Novo Olhar História II.
- Rainha Nzinga, na página 343 do livro História I, na página 65 do livro Por Dentro da História II.
- Rainha Elizabeth I, na página 245 do livro História Sociedade e Cidadania I, na página 281 do livro História I, na página 97 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 103 do livro Nova História Integrada I.
- Anunciação, na página 214 do livro História em Movimento I, na página 249 do livro Nova História Integrada I, na página 59 do livro História Geral e do Brasil II.
- Frontispício da Enciclopédia, na página 87 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 132 do livro Nova História Integrada II.
- Grupo de indígenas, na página 65 do livro História Sociedade e Cidadania II.
- Homenagem a Liberdade, na página 367 do livro História II.
- Batalha de Naseby, na página 99 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- Visita a fazenda, na página 374 do livro História I.
- Brevíssima relação da destruição das índias, na página 69 do livro História Geral e do Brasil II.
- Julgamento em Salem, na página 106 do livro Nova História Integrada II.
- Veneza século XV Cappella Brancacci, na página 182 do livro Por Dentro da História I.
- Montezuma e Cortez, na página 57 do livro História Sociedade e Cidadania II.
- Coroação da Rainha Negra na Festa dos Reis, na página 304 do livro Por Dentro da História I.

Do período histórico Contemporânea, foram selecionadas 413 imagens. São elas:

- Manifestação Maio de 1968, na página 443 do livro Nova História Integrada III, na página 178 do livro Por Dentro da História III.
- Mulheres na Guerra do Paraguai, na página 281 do livro História II, na página 175 do livro Por Dentro da História II.
- Os refrescos do Largo do Palácio, na página 185 do livro História Geral e do Brasil II, na página 22 do livro Novo Olhar História I, na página 214 do livro História Sociedade e Cidadania II.
- Junta revolucionária, na página 97 do livro História II, na página 120 do livro Por Dentro da História II.
- Luditas quebrando as máquinas, na página 188 do livro História II, na página 146 do livro História Sociedade e Cidadania II.
- Cartaz da Guerra “*Women of Britan say-go*”, na página 52 do livro Nova História Integrada III e na página 27 do livro História em Movimento III.
- Inauguração da estrada de ferro em Mauá, na página 266 do livro História II, na página 162 do livro Por Dentro da História II.
- Praça do Hospício de N. S. Piedade, na página 214 do livro História II, na página 143 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- Mulheres e a marcha a Versalhes, na página 43 do livro História II, na página 42 do livro Por Dentro da História II, na página 189 do livro Novo Olhar História II, na página 130 do livro História em Movimento II, na página 114 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 161 do livro História Geral e do Brasil II.
- Frida Kahlo, na página 131 do livro Por Dentro da História III, na página 163 do livro História em Movimento III.
- Negros no Porão do Navio, na página 294 do livro História I, na página 163 do livro Por Dentro da História II.
- Carlota P. Queirós, na página 97 do livro História Geral e do Brasil III.
- Mulheres e crianças em um fábrica, na página 122 do livro História II.
- Migrant Mother, na página 65 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio III, na página 85 do livro Nova História Integrada III.
- Família camponesa de Kahlenberg, na página 142 do livro História III, e na página 74 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio III.

- Presidente Dilma, na página 228 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio III.
- Representação do “Domingo sangrento”, na página 80 do livro História III, na página 39 do livro História Sociedade e Cidadania III.
- Almerinda Faria Gamo, na página 93 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio III.
- Charge a Era de Ferro, na página 157 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- Encontro Inter-Religioso, na página 198 do livro História em Movimento I.

Seguindo os mesmos critérios de seleção das imagens - identificação das informações convergentes entre si, repetições de materiais e idiossincrasias - foram selecionados 20 textos para cada período histórico. Os textos são apresentados com o título dado pelo autor.

Do período da Pré-história, foram encontrados e selecionados 7 textos no total⁶. São eles:

- Caçadores e Coletores, na página 28 a 29 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- A vida nas aldeias neolíticas, na página 28 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- Agricultura, uma descoberta revolucionária, na página 30 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- A vida em grupo, na página 34 do livro História Geral e do Brasil I.
- Vivendo da caça e da coleta, na página 34 do livro Novo Olhar História I.
- O papel da mulher no neolítico, na página 36 do livro Novo Olhar História I.
- Diversidade de cultura, na página 47 do livro História Geral e do Brasil I.

Do período histórico da Antiguidade, foram selecionados 59 textos no total. São eles:

- O papel atribuído as mulheres, na página 84 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- As mulheres no comércio, na página 205 do livro História I.
- O papel de uma e de outros, na página 60 a 61 do livro Por Dentro da História I.

⁶ Foram encontrados apenas 7 textos referentes a questões de gênero.

- Educação, mulher e família, na página 109 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- Texto Fonte 1⁷, na página 222 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- Texto Fonte 2⁸, na página 222 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- A Candace, o papel da rainha-mãe, na página 72 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- As formas de organização social, na página 58 do livro Novo Olhar História II.
- A educação em Esparta: uma escola de guerreiros, na página 64 do livro História I.
- O monoteísmo dos hebreus, na página 68 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- Mulheres de Atenas, na página 76 do livro Nova História Integrada I.
- A mulher na África antiga, na página 77 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- As mulheres no Antigo Oriente, na página 90 do livro História Geral e do Brasil I.
- As mulheres em Roma, na página 93 do livro Por Dentro da História I.
- O mundo Germânico, na página 103 do livro História I.
- Aspásia de Mileto, na página 125 do livro Novo Olhar História I.
- As mulheres no mundo islâmico, na página 139 a 140 do livro Por Dentro da História I.
- Amor e carinho entre marido e mulher, na página 156 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- A organização social, na página 255 do livro Novo Olhar História I.
- Estrutura social, escravidão e o tráfico de escravos na África, na página 295 do livro Nova História Integrada I.

Do período histórico da Idade Média, foram selecionamos um total de 16 textos⁹. São eles:

- A revanche francesa: Joana D’Arc, na página 167 do livro História I.
- Joana D’Arc, padroeira da França: entre a lenda e a história, na página 168 do livro História I.
- A guerra dos cem anos, na página 205 do livro História em Movimento I.

⁷Nome do texto dado pelo autor.

⁸Nome do texto dado pelo autor.

⁹ Foram encontrados apenas 16 textos referentes a questões de gênero.

- A guerra dos cem anos, na página 231 do livro História Sociedade e Cidadania I.
- A guerra dos cem anos, na página 157 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- Legenda de uma imagem, na página 241 do livro História Geral e do Brasil I.
- Texto, na página 240 do livro História Geral e do Brasil I.
- A condição feminina no mundo Islâmico, na página 129 do livro História I.
- Mulheres e crianças, na página 130 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- O cotidiano das mulheres, na página 164 do livro Por Dentro da História I.
- Sobre a mulher na Idade Média, na página 217 do livro História Geral e do Brasil I.
- Cruzadas, ontem, hoje, na página 197 a 198 do livro Nova História Integrada I.
- Os camponeses, na página 173 do livro História em Movimento I.
- Casamentos arranjados, na página 173 do livro História em Movimento I.
- Impostos e mais impostos, na página 174 do livro História em Movimento I.
- Economia e sociedade, na página 264 do livro História Sociedade e Cidadania I.

Do período histórico da Idade Moderna, foram selecionados 33 textos no total. São eles:

- As mulheres na América inglesa, na página 20 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- Bruxas e feitiçeras, na página 38 do livro Novo Olhar História II.
- Uma interpretação feminista da “caça às bruxas”, na página 48 a 49 do livro Novo Olhar História II.
- As várias faces da família colonial, na página 72 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- A sociedade em movimento, na página 116 do livro História Geral e do Brasil II.
- Mulheres e salões literários, na página 127 do livro Nova História Integrada II.
- Família e sociedade, na página 229 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.
- A família patriarcal, na página 260 do livro Por Dentro da História I.
- Anna Buschler e o início da Idade Moderna na Alemanha, na página 304 a 305 do livro Nova História Integrada I.
- Tradição e mudança na vida cotidiana, na página 370 do livro História I.

- Valores e papéis conjugais na época moderna, na página 371 do livro História I.
- Chica da Silva, na página 70 do livro Nova História Integrada II.
- As bruxas de Salem, na página 106 do livro Nova História Integrada II.
- Texto de Rugendas, na página 124 do livro História Geral e do Brasil II.
- Cultura Complexa, na página 216 do livro Por Dentro da História I.
- Os índios que habitavam o Brasil, na página 275 a 276 do livro Nova História Integrada I.
- Quando a riqueza vira pobreza, na página 302 do livro Por Dentro da História I.
- Angola Nzinga, na página 342 do livro História I.
- Nzinga e os portugueses, na página 342 a 343 do livro História I.
- Doña Marina, na página 13 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.

Do período da Idade Contemporânea, foram selecionados 77 textos no total. São eles:

- Mulheres anarquistas, na página 34 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio III.
- As mulheres na época do bandeirismo, na página 92 do livro História Geral e do Brasil II.
- A força das mulheres paulistas, na página 96 a 97 do livro História em Movimento II.
- O voto feminino, na página 97 do livro História Geral e do Brasil III.
- O trabalho feminino na indústria da seda, na página 104 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- A vez das mulheres, na página 382 do livro História III.
- As mulheres na colonização, na página 292 do livro Por Dentro da História I.
- As mulheres na sociedade colonial, na página 113 do livro Novo Olhar História II.
- As mulheres na revolução, na página 114 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- As blusas-verdes, na página 118 a 119 do livro História em Movimento III.
- Mulheres influentes em Luanda, na página 150 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- A luta feminina, na página 157 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.

- A luta das mulheres pelo mundo, na página 158 a 159 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- Mulheres Negras, na página 169 a 170 do livro Por Dentro da História II.
- Papeis femininos, na página 213 do livro História Geral e do Brasil II.
- Os efeitos da guerra sobre a população civil, na página 23 a 24 do livro História em Movimento III.
- Os preferidos, na página 26 do livro Por Dentro da História II.
- Mulheres e crianças nas fábricas, na página 104 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.
- Ditadura dos padrões de beleza, na página 140 a 141 do livro História Sociedade e Cidadania I.

Assim, concluído o processo de levantamento e apresentação das imagens e dos textos, a próxima seção é dedicada às suas descrições.

2.5 O que as imagens e os textos dizem

Apresentadas as imagens e os textos, segue a sua descrição. As imagens e os textos foram organizados nos períodos da Pré-história, da Antiguidade, da Idade Média, da Idade Moderna e da Idade Contemporânea. Posteriormente foi feita uma descrição com base em categorias elaboradas em conjunto com a orientadora deste trabalho. Para a construção dessas categorias, procurou-se identificar aspectos comuns entre as imagens e entre os textos. Construíram-se algumas categorias, a saber: *A mulher na família; A mulher no trabalho; A mulher nos diferentes movimentos da sociedade; A relação do Feminino e o Masculino; A mulher na política; A mulher e a religião.*

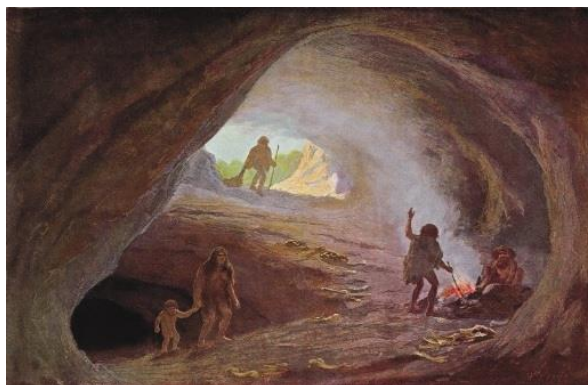
2.5.1 Descrição das imagens:

Realizadas as leituras das imagens selecionadas nos livros didáticos de História, e partindo da observação atenta das mesmas, segue a descrição das imagens.

Do período da Pré-história, as imagens foram descritas nas categorias citadas acima.

A MULHER NA FAMÍLIA

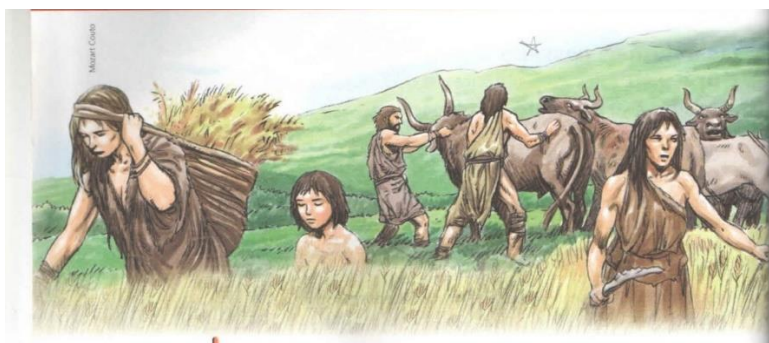
IMAGEM: Vivendo na caverna, na página do livro História Geral e do Brasil I.



Essa cena se passa dentro de uma caverna; estão presentes dois homens e duas mulheres. Ao lado esquerdo, mais à frente da imagem, uma das mulheres está de pé, com uma criança segurando sua mão; essa criança parece ser um menino. Há um homem e uma mulher perto do fogo, o homem está sentado e a outra mulher está de pé cumprimentando o segundo homem que vem entrando ao fundo da imagem na caverna. Ele está segurando em uma das mãos uma lança, e, na outra, puxa o que parece ser um animal que acabou de caçar. Na cena, ainda é possível ver alguns restos de comida e ossos no chão.

A MULHER NO TRABALHO

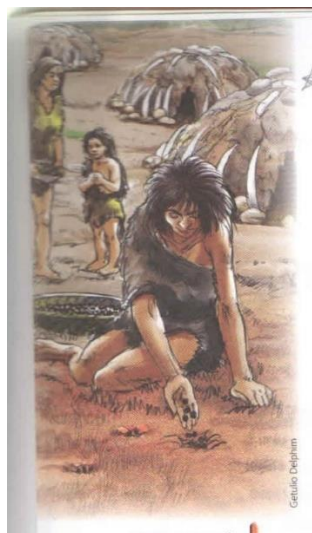
IMAGEM: Técnica de agricultura, na página 8 do livro História Sociedade e Cidadania I.



Nessa imagem, tem-se a representação de duas mulheres da Pré-história no campo; uma está com um cesto nas costas, com o que parece ser trigo; ao seu lado, está um menino ainda criança, e, mais à direita da imagem, a segunda mulher, com um tipo de foice, cortando

o trigo. Dois homens aparecem na imagem ao fundo, lidando com o que parece serem bois. Nessa imagem, vê-se a divisão sexual do trabalho na Pré-história.

IMAGEM: Mulher plantando sementes, na página 24 do livro História Sociedade e Cidadania I.



Novamente, na imagem, a mulher está no centro; a cena é em uma aldeia, ela está sentada no chão enquanto algumas sementes vão caindo de sua mão em um pequeno buraco na terra. Ao fundo da imagem, aparece mais uma mulher, ao que parece, carregando mais algumas sementes e, ao seu lado, um menino ainda criança. Ainda nessa imagem, veem-se, ao fundo, algumas casas pré-históricas.

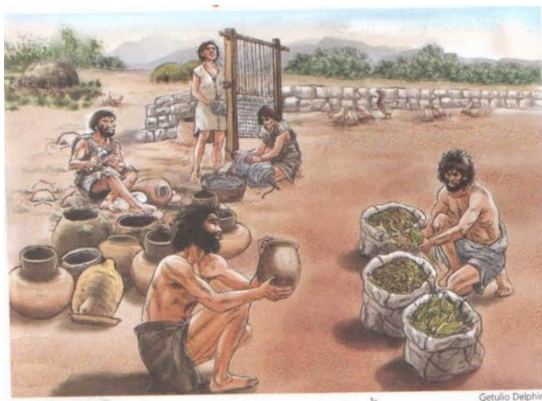
IMAGEM: Aldeia Neolítica, na página 30 do livro História Sociedade e Cidadania I.



Nesta imagem, estão presentes, em uma aldeia, três mulheres, quatro homens adultos e três crianças - duas meninas e um menino. Duas mulheres, mais à frente da imagem, cortam o que parece ser trigo, a terceira está sentada em uma pedra, costurando uma pele com uma

menina ao seu lado. Vai chegando na cena um homem de aparência mais velha, pois seu cabelo é branco, e uma menina agarrada nas suas pernas, os homens aparecem mais ao fundo; dois estão carregando um animal morto e o outro está pastorando algumas ovelhas.

IMAGEM: Grupo de pessoas no neolítico tecendo linho e lã, na página 32 do livro História Sociedade e Cidadania I.



A cena é em uma aldeia, e estão presentes três homens e duas mulheres. Os homens aparecem mais à frente da imagem; um está sentado perto de alguns sacos de milho, outro está logo ao lado com um jarro na mão. Ao fundo, mais um homem sentado - ao que parece esta tecendo -, e, ao seu lado, as duas mulheres, uma sentada no chão enrolando fio e a outra está de pé, mexendo em algo parecido com um tear.

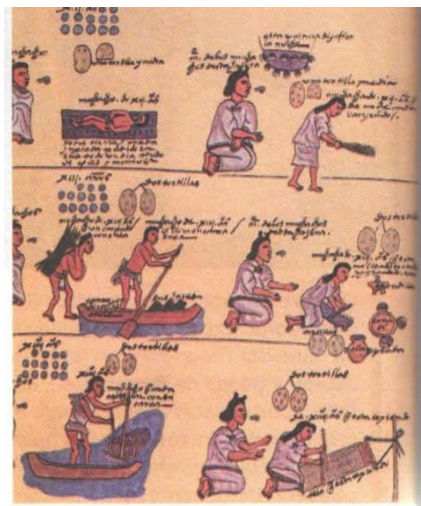
IMAGEM: Preparando o couro, na página 34 do livro Novo Olhar História I.



Em um quadro pequeno, há quatro cenas representando o preparo do couro. Na primeira cena, uma mulher está limpando o couro no chão; na segunda cena, um homem estica o couro em uma armação de madeira para não se enrugue; na terceira cena, uma mulher retira o excesso de pelo do couro colocado na armação de madeira; na última cena, aparece um homem de pé usando o couro como vestimenta. É possível ainda ver que o homem segura em uma das mãos uma lança.

A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E O MASCULINO

IMAGEM: Cenas do cotidiano dos Astecas, na página 34 do livro História Sociedade e Cidadania II.



Essa imagem é pequena, representa cenas do cotidiano dos Astecas, está desenhada em três linhas, na primeira, ao que parece, está sendo realizado um ritual de sacrifício: um homem está de pé ao lado de outro homem deitado e amarrado em cima de uma pedra. Na mesma linha, aparece uma mulher sentada e outra com alguns ramos de galhos na mão.

Na segunda linha da imagem, é possível ver um homem carregando nas costas algum tipo de planta que acabou de colher. Ao seu lado, está um homem em um pequeno barco sobre a água. Na mesma linha, mais duas mulheres: uma está sentada, e a outra, ao que parece, está preparando algo, pois, ao seu lado, se encontram vários jarros.

Na terceira e última linha, há um homem em um barco com uma rede de pescar, e, mais ao lado da imagem, duas mulheres - uma sentada e a outra tecendo fios no que parece ser um tear.

IMAGEM: Indígenas no México, na página 34 do livro História Sociedade e Cidadania II.

Essa imagem é muito colorida, com uma mistura de cenas; mostra um homem com uma pá perto de um pé de milho; ao seu lado, uma mulher jovem, no chão, amassando uma massa em uma pedra. Logo atrás dela, mais duas mulheres, três jovens, e a outra com mais idade: elas estão preparando alguma comida, há alguns jarros no fogo. Bem mais ao fundo da imagem, três homens estão mexendo na terra, e, ao lado esquerdo e também ao fundo, um homem com uma vestimenta muito grande e colorida, ao que parece, representando uma divindade ou mostrando sua posição na sociedade.

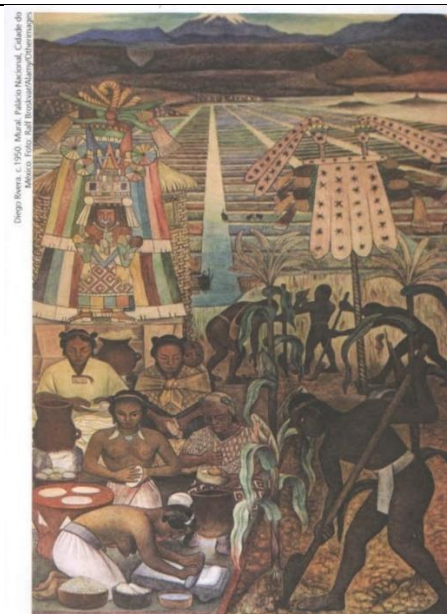


IMAGEM: Organização social, na página 37 do livro Novo Olhar História I.

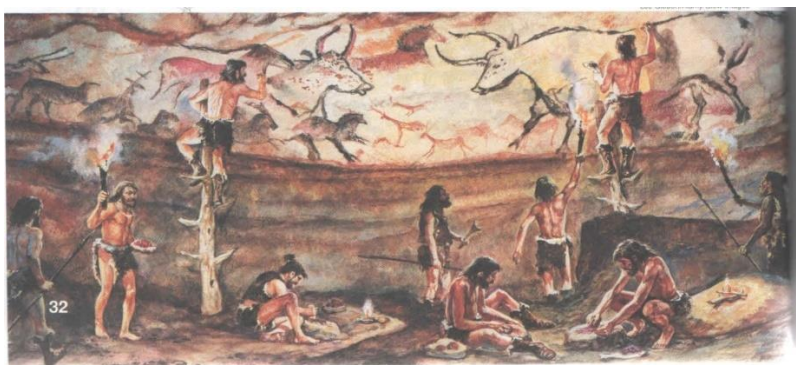


Essa imagem é representada em três pequenos quadrinhos. No primeiro quadrinho, é representada uma cena na aldeia. Na frente, uma mulher sentada amamentando um bebê; atrás dela, duas mulheres estão em volta de um caldeirão no fogo, seguidas de duas meninas ainda crianças brincando com animais. Bem ao fundo da imagem, um homem: ele está cortando um tronco com um pequeno machado; ele está olhando para frente.

No segundo quadrinho, são representados quatro homens: um está no meio, com um prato nas mãos, levantando-o para o céu; ao que parece, é um ritual, uma oferenda aos deuses. Nessa cena, somente homens estão presentes.

No terceiro quadrinho, novamente, só homens, e eles estão armados em um campo aberto, não há elementos suficientes para saber se estão partindo para uma guerra ou para caçar.

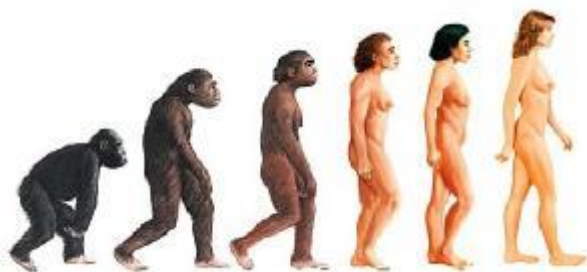
IMAGEM: Homens pintando, na página 32 do livro Novo Olhar História I.



Esta cena representada no desenho se passa dentro de uma caverna, onde estão presentes dez homens fazendo pinturas nas paredes; na cena, não está presente nenhuma mulher.

Alguns dos homens estão de pé, pintando, e outros, sentados, ao que parece, preparando as tintas. Alguns homens estão segurando lanças e dois estão com as lanças e tochas na mão, com a intenção de iluminar o interior da caverna.

IMAGEM: Evolução humana representada com uma mulher, na página do livro História em Movimento I.



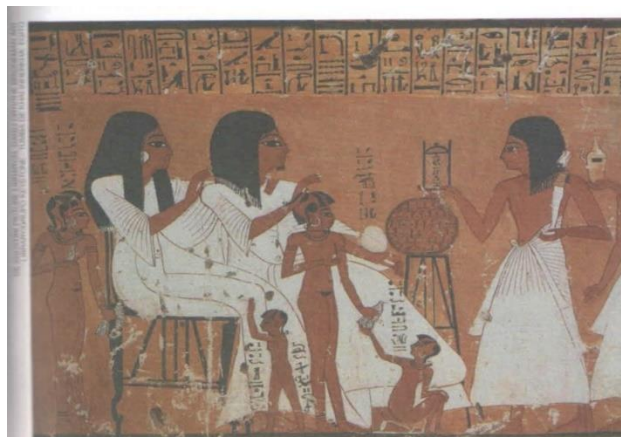
Essa imagem chama muito a atenção, pois a evolução humana é representada quase sempre por um homem, nesse caso é representada por uma mulher.

Obs. Não foram encontradas imagens cujos elementos se encaixassem nas categorias: A Mulher nos Movimentos da Sociedade; A Mulher na Política; A Mulher na Religião.

No período histórico da Antiguidade, as imagens foram descritas nas categorias citadas acima.

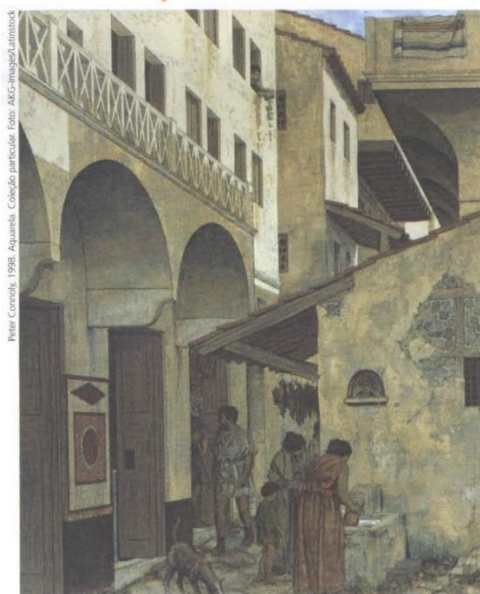
A MULHER NA FAMÍLIA

IMAGEM: Cena de família em mural, na página 57 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.



Essa cena está desenhada no muro do túmulo de Khai-Inherkha (Anherkha) c.1100 a.C, na cidade de Tebas, no Egito. Na imagem, é possível ver uma mulher e um homem egípcios sentados e rodeados por quatro crianças; é possível perceber que duas delas são meninas. Na cena, também há uma terceira pessoa, um homem, que, provavelmente, é um servo do casal egípcio.

IMAGEM: Cotidiano em Roma, na página 162 do livro História Sociedade e Cidadania I.



Na imagem, vê-se como eram as moradias em Roma, conhecidas como “insulas”; eram moradias de 4 a 5 andares. No centro da imagem, duas mulheres lavam algumas louças em um pequeno tanque; junto com elas, há um menino ainda criança e um cachorro. Vê-se também, na imagem, um homem parado na porta de sua moradia conversando com outro homem.

IMAGEM: Xilogravura, na página 177 do livro História Sociedade e Cidadania I.



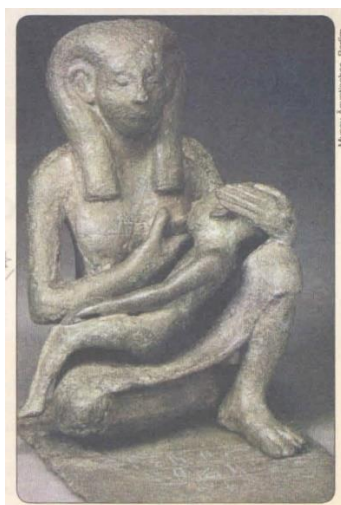
Nesta imagem, vê-se a família de um soldado germânico. Na cena, estão presentes dois homens, uma mulher e um menino ainda criança, todos de pé. O homem mais velho - que parece ser o pai - está mais à frente, com uma lança e um escudo na mão, como se estivesse se preparando para uma guerra. Ao seu lado, está a mulher, sua esposa, ela olha para ele com admiração, e a criança que está com ela também olha para o homem, seu pai. Atrás deles, está o segundo homem, um jovem que também porta um escudo.

IMAGEM: Escultura de Cornélia e seus filhos, na página 151 do livro História Sociedade e Cidadania I.

A escultura de Cornélia mostra-a sentada com seus dois filhos. Tibério, seu filho mais velho, está de pé, ao seu lado, e Caio Graco, seu filho pequeno, está de pé, encostado em suas pernas.

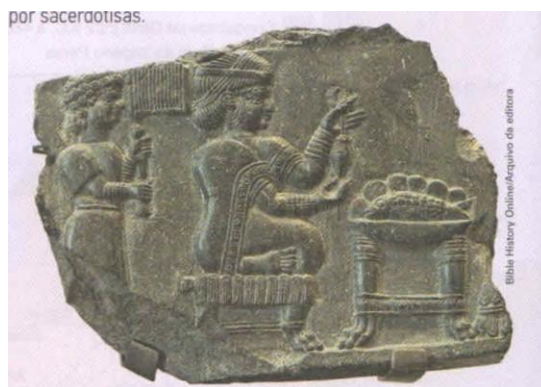


IMAGEM: Estátua de mulher amamentando, na página 61 do livro Por Dentro da História I.



A estátua, que representa uma mulher amamentando, foi feita de cobre em c.1900 a.C. A mulher está sentada no chão com seu bebê no colo; com uma das mãos, ela segura a cabeça do bebê.

IMAGEM: Relevô do cotidiano doméstico, na página 90 do livro História Geral e do Brasil I.



A imagem desse relevô, feito entre o século VIII e VII a.C, representa uma mulher em seu cotidiano doméstico; há ainda uma segunda mulher, representada menor do que a primeira mulher, provavelmente uma serva, com um abanador. A mulher da frente está sentada tecendo em um carretel.

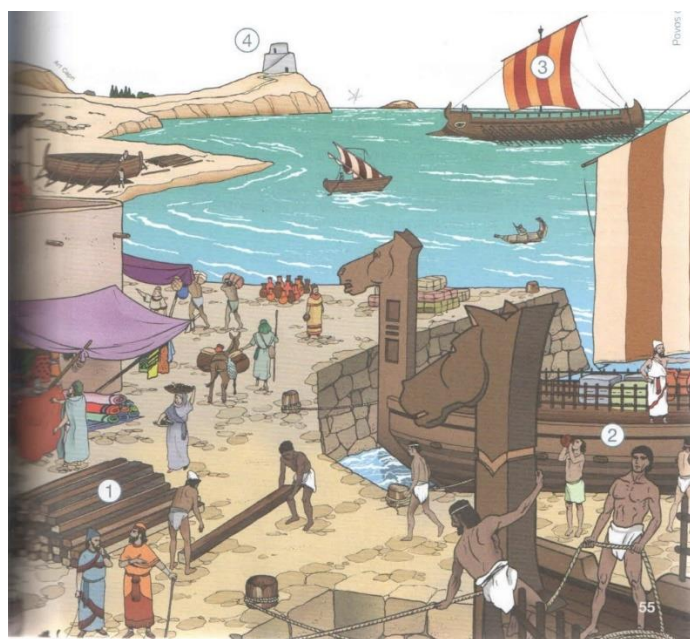
A MULHER NO TRABALHO

IMAGEM: Mulheres Incas negociando em mercado público, na página 255 do livro Novo Olhar História I.



A imagem representa duas mulheres negociando a troca de alimentos em um mercado público; elas estão na sombra de uma barraca. Uma das mulheres tem em suas mãos um pedaço de carne, e a outra um saco de batatas, com algumas caídas no chão. O que se percebe na cena é que as duas vão trocar as mercadorias. Ao fundo da imagem, se veem mais barracas e mais pessoas.

IMAGEM: Porto, na página 55 do livro Novo Olhar História I.



A cena, representada por um desenho, mostra um porto comercial fenício. Está presente na imagem apenas uma mulher, que caminha pelo porto com um cesto de frutas na cabeça e carrega nas mãos também um cesto menor com frutas. Na cena, alguns homens trabalham em um barco, outros carregam madeira; mais ao lado, dois homens comercializam tecidos. Mais ao fundo, alguns homens carregam sacos nas costas; tudo isso acontece na beira do mar, aonde vão chegando alguns navios.

IMAGEM: Camponeses lavrando, na página 67 do livro História Sociedade e Cidadania I.



A imagem mostra um homem arando o campo com a ajuda de uma junta de bois, seguido de sua esposa, que vai derramando sementes. Ela segura em sua mão esquerda um pequeno cesto com as sementes; com sua mão direita, espalha as sementes no chão. O homem segura com a mão esquerda um chicote levantado, e, com a mão direita, segura a junta de bois. Ainda na imagem, é possível perceber alguns escritos em egípcio atrás do casal.

A MULHER NOS MOVIMENTOS DA SOCIEDADE

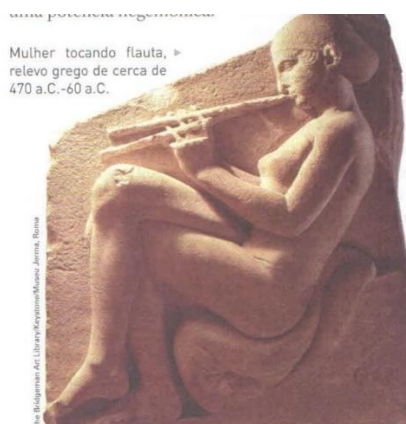
IMAGEM: Rapto das Sabinas, na página 103 do livro Por Dentro da História I, e no livro História I na página 74.



Nessa imagem, representando o Rapto das Sabinas, vê-se, na cena, uma guerra. Ao centro, há uma mulher vestida de branco tentando separar os dois grupos rivais; aos seus pés, há uma mulher caída ao chão com uma criança no colo. Também no chão, se encontram mais crianças, alguns são bebês. Ao fundo da imagem, uma mulher ergue um bebê, os homens na cena estão armados com lanças e escudos.

A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E O MASCULINO

IMAGEM: Mulher tocando flauta, na página 84 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.



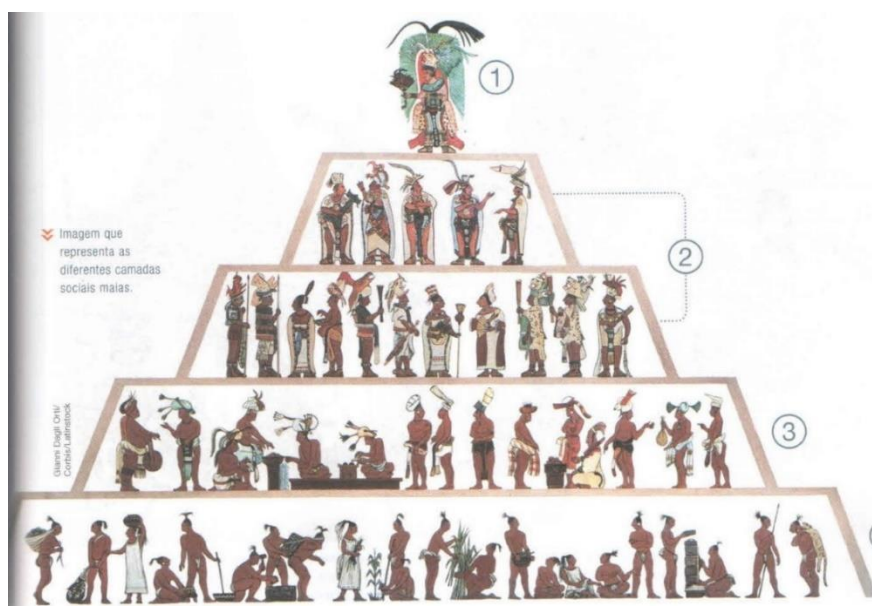
Essa imagem é de uma cerâmica grega de c. 490 a.C. Na imagem de fundo preto, há uma mulher de pé vestindo um vestido longo e tocando uma flauta; deitado confortavelmente em uma cama, um homem escuta a mulher tocar.

IMAGEM: Aspásia de Mileto, na página 125 do livro Novo Olhar História I.



Esta imagem representada uma cena da Grécia Antiga. Ao fundo, vê-se a Acrópole. Na imagem, vemos Aspásia de Mileto, de pé, conversando com seu marido Péricles, que também está de pé. Ao lado dos dois, há um homem sentado, ao que parece, escrevendo tudo que era dito na cena. Pode-se perceber a atenção com que Péricles escuta sua esposa Aspásia.

IMAGEM: Camada social maias, na página 249 do livro Novo Olhar História I.



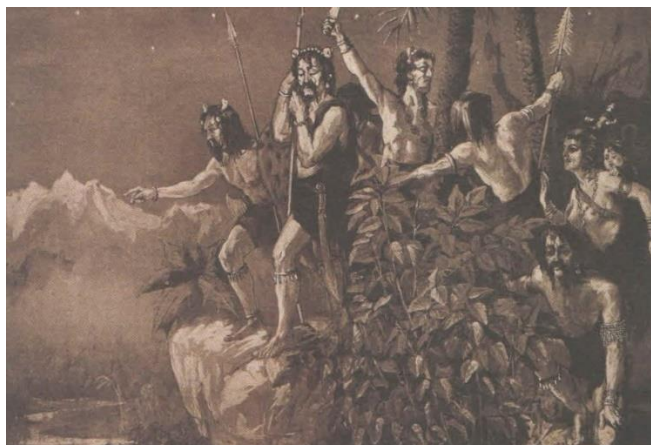
Esta imagem é uma pirâmide representando as camadas sociais da sociedade Maia. O primeiro, no topo da pirâmide, é um homem, o governante. Logo em seguida, na segunda camada, está a elite, que são os governantes, sacerdotes e chefes militares; nessa camada, é possível ver três mulheres e treze homens. Já na terceira camada, estão presentes os escribas, pintores e escultores - essa camada é representada só por homens. E a quarta e última camada, a mais baixa da sociedade, é composta por camponeses e artesãos - é possível ver quatro mulheres e dezenove homens que estão realizando tarefas atinentes à sua classe social.

IMAGEM: Mulher candace, na página 73 do livro História Sociedade e Cidadania I.

Nessa imagem, a mulher é uma guerreira, e segura nas duas mãos espadas erguidas para o alto; sobre sua cabeça, voa uma águia e a seus pés está um leão.



IMAGEM: Grupo de arianos, na página 97 do livro Novo Olhar História I.



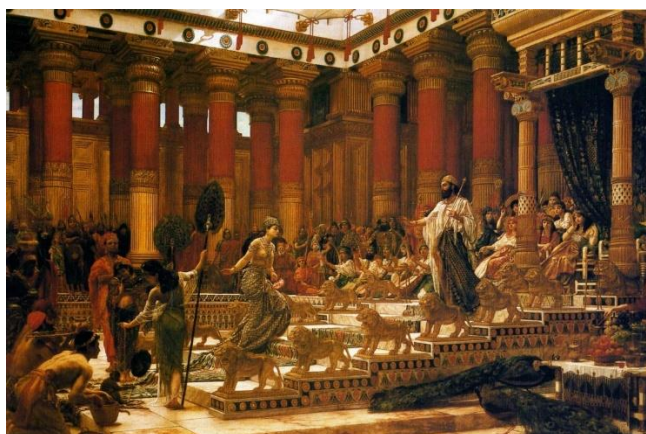
Na beira de uma rocha, com muitas árvores, cinco homens estão segurando em suas mãos lanças, e, logo atrás do grupo, há uma mulher com um bebê nas suas costas, com um olhar de curiosidade.

IMAGEM: Relevo de um faraó e sua esposa, na página 75 do livro Novo Olhar História I.

Esse relevo é colorido, o homem, que é o faraó, está sentado, e a mulher, que é sua esposa, está de pé em sua frente, com um pequeno pote em suas mãos. Ela passa a mão no faraó, provavelmente com algum óleo.



IMAGEM: Rei Salomão e a Rainha de Sabá, na página 146 do livro História em Movimento I.



Esta imagem representa a cena do encontro da Rainha de Sabá com o Rei Salomão. Os dois estão no centro da imagem, com alguns presentes no chão, e um leão ao lado da Rainha de Sabá. Mais atrás, estão os servos dos dois.

IMAGEM: Cleópatra, na página 154 do livro História Sociedade e Cidadania I.



Nessa imagem, a atriz Elizabeth Taylor faz o papel da rainha do Egito, Cleópatra, com um vestido vermelho, um enorme colar de ouro em seu pescoço e os olhos pintados de preto, retratando uma idealização da imagem de Cleópatra.

A MULHER E A RELIGIÃO

IMAGEM: Deusa Tellus, na página 160 do livro História Sociedade e Cidadania I.



Relevo romano do século I que mostra a figura da deusa Tellus (Terra fecunda) no centro com duas crianças no seu colo; ao seu lado, há duas figuras de mulheres que representam o vento e a água; aos seus pés, alguns animais.

IMAGEM: Deusa Afrodite e seu filho, na página 161 do livro História Geral e do Brasil I.



Em uma escultura de mármore de 323 a.C, a deusa Afrodite é representada junto com seu filho; ela está de pé, e seu filho, um bebê, está representado com asas em cima de um vaso.

Obs. Não foram encontradas imagens cujos elementos se encaixassem na categoria: A Mulher e a Política.

Para o período histórico da Idade Média, as imagens foram descritas nas categorias citadas acima.

A MULHER NA FAMÍLIA

IMAGEM: Mulheres sentadas na neve, na página 188 do livro História em Movimento I, e na página 218 do livro Novo Olhar História I.

Na imagem, veem-se três mulheres sentadas no interior de uma pequena casa, há neve em volta da casa, e alguns homens trabalham do lado de fora. Uma das mulheres, sentadas no interior da casa, está com um vestido azul e mostra um pouco de suas pernas.



IMAGEM: Cristine de Pisan, na página 130 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.



Em um cômodo do interior de uma casa, vê-se, na cena, uma mulher sentada à uma mesa que, ao que parece, é um escritório, com um grande livro aberto sobre a mesa. Em sua frente, um jovem, que parece ouvir atentamente o que a mulher lhe diz. A mulher aponta com o dedo para o livro, o que sugere que ela sabia ler.

IMAGEM: Cena Medieval, na página 215 do livro História Geral e do Brasil I.



Na imagem, podem-se ver duas mulheres sentadas no interior de uma casa, perto do fogo; há outra mulher ao fundo da casa conversando com um homem, e, do lado de fora da casa, no campo, um homem está arando a terra com uma junta de bois; ele segura em suas mãos algumas sementes.

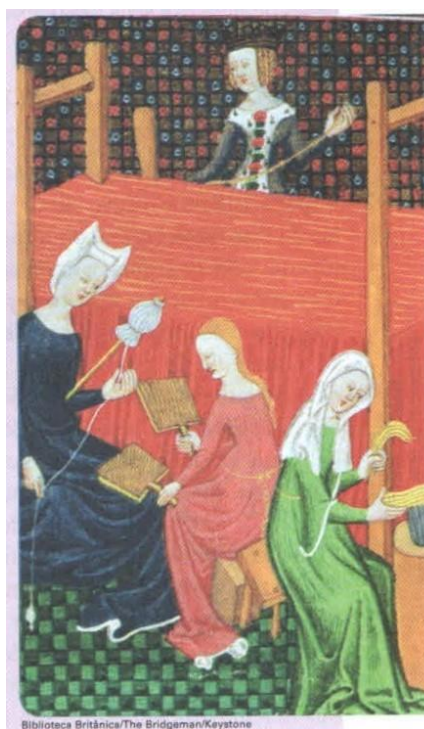
A MULHER NO TRABALHO

IMAGEM: Calendário de doze meses, na página 174 do livro História em Movimento I, e na página 199 do livro Novo olhar História I.

Esta imagem representa um calendário, com imagens representando cada período do ano, divididas em doze pequenos quadros. Em três deles, a mulher aparece cortando, colhendo e empilhando trigo, e, em casa, ajudando seu marido enquanto ele mata um animal.



IMAGEM: Mulheres tecendo, na página 217 do livro História Geral e do Brasil I.



Nesta imagem, podem-se ver quatro mulheres tecendo, três estão sentadas mais à frente da imagem e uma mais ao fundo, atrás de um tear.

IMAGEM: Corte do Trigo, na página 214 do livro História Geral e do Brasil I.

Nesta cena, pode-se ver um homem e, logo atrás dele, uma mulher; eles estão colhendo trigo, bem mais ao fundo, vê-se um homem a cavalo.

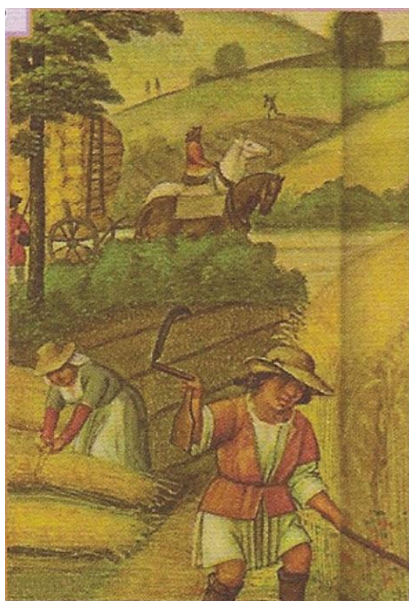


IMAGEM: Camponês lavrando, na página 187 do livro História em Movimento I.



Nesta imagem, vê-se, à frente, dois homens com alguns bois; logo mais atrás, duas mulheres passeiam pelo campo, e, ao fundo da imagem, no que parece ser uma pequena horta cercada, duas mulheres trabalham ao lado delas, fora do cercado há um homem com uma junta de bois.

A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E O MASCULINO

IMAGEM: Casal burguês, na página 192 do livro História em Movimento I, na página 235 do livro Novo olhar História I.



Nesta imagem, há um casal de pé, de mãos dadas; o homem está do lado esquerdo e a mulher do lado direito. Ele está vestindo uma roupa marrom escura com um chapéu preto, e sua mão esquerda está levantada; a mulher, vestindo um vestido verde que lhe cobre os pés, está grávida, e seu olhar está voltado para o chão. Ao fundo, se percebe bastante riqueza na casa, um cachorro pequeno está na frente do casal.

IMAGEM: Burgo Medieval, na página 11 do livro Novo Olhar História II.



A cena se passa em um burgo medieval na França, na imagem podem-se ver vários homens comprando e negociando seus produtos; as mulheres desta cena estão todas acompanhadas, ou por suas damas de companhia ou por algum homem. Quem atende nas barracas são os homens.

IMAGEM: Mercado, na página 143 do livro História I.

Na imagem do mercado, na Idade Média, só vemos uma mulher em cena, e ela está acompanhada. Na cena, ela parece conversar com alguns homens, há muitas barracas e comerciantes.

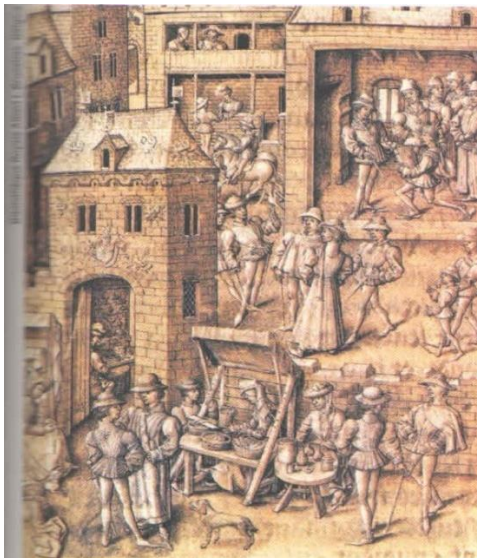


IMAGEM: Dona Marina, na página 13 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.



Nesta imagem, Dona Marina é representada na frente de Hernán Cortés; ainda na cena, aparecem alguns homens montados a cavalo com lanças nas mãos.

IMAGEM: A figura de Maria, na página 164 do livro Por Dentro da História I.

A imagem representa a cena do nascimento de Maria, mãe de Jesus: é um pequeno quarto onde só mulheres se encontram; ao fundo, uma cama com uma mulher deitada recebendo cuidados e, ao centro da imagem, uma mulher segura no colo um bebê, que é Maria.



IMAGEM: Guerreiro jurando fidelidade, na página 194 do livro Novo Olhar História I.



Na cena, pode-se ver várias pessoas: no centro, estão o guerreiro e seu senhor, mas, ao lado e ao fundo da imagem, veem-se algumas mulheres, desenhadas com um olhar curioso para com o que estava acontecendo.

IMAGEM: Biblioteca, na página 220 do livro História Geral e do Brasil I.



Esta imagem chama muito a atenção: é o interior de uma biblioteca; ao centro, uma estante cheia de livros, alguns homens sentados e alguns de pé. Não há nenhuma mulher presente na imagem.

IMAGEM: Imperatriz Teodora, na página 156 do livro História em Movimento I, na ,página 129 do livro Por dentro da História I.



A imperatriz Teodora está no centro da imagem, com uma coroa enfeitada e uma ponte em sua mão; ao seu lado esquerdo, há um homem e, do seu lado direito, uma mulher.

A MULHER NOS MOVIMENTOS DA SOCIEDADE

IMAGEM: Massacre Feudalismo, na página 174 do livro História I, e na página 195 do livro História em Movimento I, na página 237 do livro História Geral e do Brasil I.



Nessa imagem, há uma guerra acontecendo: muitos homens caindo na água e outros lutando com suas espadas; mais ao lado esquerdo da cena, algumas mulheres paradas na

porta de sua casa olham atentamente para o que está acontecendo. Elas não participam do combate, e estão bem vestidas.

IMAGEM: Joana D’Arc, na página 205 do livro História em Movimento I, e na página 241 do livro História Geral e do Brasil I.



Nesta imagem, Joana D’Arc é representada como uma guerreira: ela veste uma armadura e segura com uma das mãos uma espada voltada para o alto, valorizando sua imagem como guerreira.

IMAGEM: Escultura de Joana D’Arc, na página 241 do livro História Geral e do Brasil I.



Nesta escultura, Joana D’Arc está sentada no chão com as mãos sobre o colo e com um lenço na cabeça.

A MULHER E A RELIGIÃO

IMAGEM: Madona de Todos os Santos, na página 176 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.



Ao centro da imagem, Nossa Senhora com Jesus menino no colo, cercada de anjos.

IMAGEM: Manuscrito Medieval, na página do livro História Geral e do Brasil I.



Nesta imagem, há três mulheres quase idênticas, vestindo túnicas brancas com detalhes nas barras; as três levam a mão ao peito.

Obs. Não foram encontradas imagens cujos elementos se encaixassem na categoria: A Mulher e a Política.

Para o período histórico da Idade Moderna, as imagens foram descritas nas categorias citadas acima.

A MULHER NA FAMÍLIA

IMAGEM: Visita a fazenda, na página 374 do livro História I.



A cena se passa no interior de uma cozinha: no centro da imagem, um grande caldeirão está no fogo, uma mulher está sentada perto do fogo se aquecendo com uma criança no colo. No outro lado, uma mulher grávida está de pé; ao fundo, uma mulher está parada na porta, e alguns homens em volta da mesa.

A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E O MASCULINO

IMAGEM: Escola de Atenas, na página 132 do livro História Sociedade e Cidadania I, na página 221 do livro Novo Olhar História I, na página 242 do livro Nova História Integrada I, na página 54 do livro História Geral e do Brasil I.

Nesta imagem, vê-se, ao centro, os filósofos Platão e Aristóteles; à sua volta, há muitos homens de pé ou sentados nas escadas; alguns tem, nas mãos, livros. Algumas mulheres estão na cena, ao lado desses homens.



IMAGEM: Mameluca, na página 278 do livro Nova História Integrada I, na página 50 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 91 do livro História Sociedade e Cidadania II, na página 71 do livro História Geral e do Brasil II.



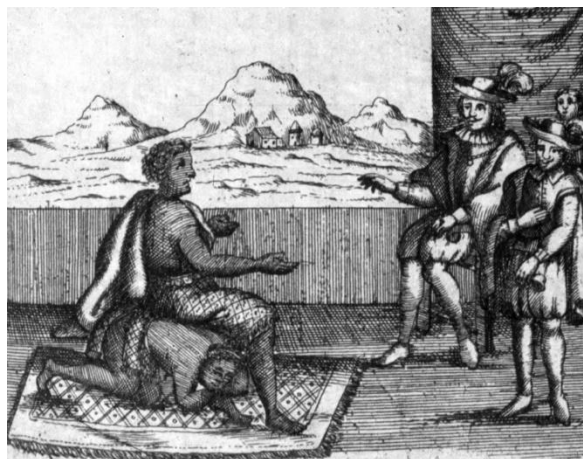
Na imagem, há uma mulher, parada, com um cesto com algumas flores na mão; ela está com um vestido branco até o chão. Com uma das mãos na cintura, ela puxa um pouco do seu vestido, mostrando que está descalça.

IMAGEM: Mulher Tapuia, na página 277 do livro Nova História Integrada I, na página 117 do livro Novo Olhar História II.



Na imagem, uma mulher indígena: ela tem um cesto nas costas e, dentro dele, há um pé humano decepado, e, em sua mão esquerda, ela carrega uma mão humana decepada.

IMAGEM: Rainha Nzinga, na página 343 do livro História I, na página 65 do livro Por Dentro da História II.



Na imagem, uma mulher negra está sentada em cima de uma outra mulher, provavelmente sua serva; a mulher está conversando com dois homens: um está sentado e o outro em pé. Atrás dos dois homens, uma mulher espia o que está acontecendo. A cena acontece no interior de uma cabana.

IMAGEM: Rainha Elizabeth I, na página 245 do livro História Sociedade e Cidadania I, na página 281 do livro História I, na página 97 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 103 do livro Nova História Integrada I.



Na imagem, a Rainha Elizabeth I está ao centro. Ela está sentada ao lado de uma coroa, com uma mão sobre um globo; atrás dela, quadros com pinturas de navios.

IMAGEM: Frontispício da Enciclopédia, na página 87 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 132 do livro Nova História Integrada II.



Na imagem, que é preta e branca, as mulheres estão sentadas sobre nuvens, vestindo leves panos que se movimentam.

IMAGEM: Grupo de indígenas, na página 65 do livro História Sociedade e Cidadania II.



Dois homens e uma mulher estão representados nesta imagem: os homens estão na frente e são representados como grandes e fortes; já a mulher está mais atrás, e é representada um pouco menor que os homens.

IMAGEM: Brevíssima relação da destruição das índias, na página 69 do livro História Geral e do Brasil II.



A cena se passa em uma aldeia; homens estão correndo atrás de mulheres indígenas, que correm desesperadas, e algumas estão com seus filhos no colo. No centro da imagem, há uma roda com vários corpos de mulheres mortas por esses homens.

IMAGEM: Julgamento em Salem, na página 106 do livro Nova História Integrada II.



Em um tribunal, um juiz condena algumas moças por bruxaria; muitas delas se jogam no chão, desesperadas, e são amparadas por outras mulheres, e alguns homens seguram outras mulheres.

IMAGEM: Veneza século XV Cappella Brancacci, na página 182 do livro Por Dentro da História I.

Na imagem, um homem está caído no chão, à sua volta, uma multidão, em destaque está uma mulher com uma criança no colo; ela é a única mulher na imagem, e conversa com dois homens que também estão no centro da imagem.



IMAGEM: Montezuma e Cortez, na página 57 do livro História Sociedade e Cidadania II.
A imagem representa o encontro de Montezuma e Cortez. Na cena, estão presentes alguns soldados, as mulheres estão sentadas no chão e nas escadas; ao fundo, há mais pessoas, saudando o encontro dos dois.



A MULHER NOS MOVIMENTOS DA SOCIEDADE

IMAGEM: Os provérbios, na página 184 do livro Por Dentro da História I, e na capa do livro História I.

Nesta cena, veem-se muitas pessoas nas ruas e nas janelas de casa, é um tumulto, algumas pessoas correm, outras estão sentadas, outras caídas no chão. Nesta imagem, há muitas mulheres.



IMAGEM: Pais Peregrinos, na página 21 do livro História das Caverna ao Terceiro Milênio I, na página 64 do livro História Sociedade e Cidadania II, na página 105 do livro Nova História Integrada II.

Nesta cena, vê-se um grupo de pessoas desembarcando de um navio: na frente, há um homem de pé e outro agachado, mexendo no chão; eles tomam a frente dessa chegada; atrás desses homens algumas mulheres com crianças no colo. Uma dessas mulheres tem um bebê no colo e segura uma criança pela mão.



IMAGEM: Gravura Dança, na página 56 do livro História em Movimento II, na página 72 do livro História Geral e do Brasil II.

Na imagem, um grupo de pessoas negras dançam. Na cena, algumas crianças brincam, e uma mulher dança com seu filho no colo.

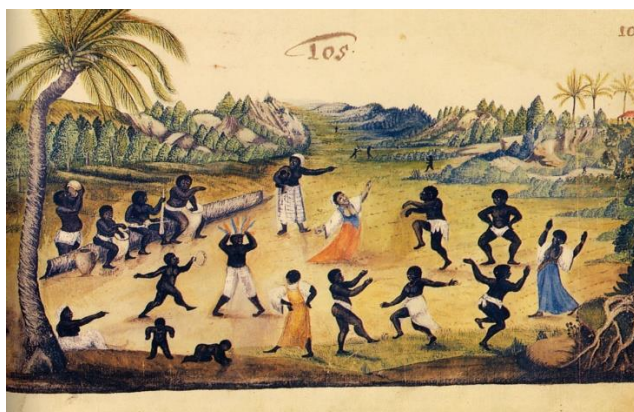


IMAGEM: Jesuítas no Brasil, na página 305 do livro História I, na página 11 do livro História Geral e do Brasil I, na página 243 do livro História Sociedade e Cidadania I, na página 43 do livro História em Movimento II.



Nesta imagem, tudo se passa em volta de uma cruz: em um pequeno altar no meio da mata, está acontecendo uma missa. Homens e mulheres indígenas estão sentados no chão, assistindo; algumas mulheres indígenas estão com seus filhos no colo.

IMAGEM: Homenagem à Liberdade, na página 367 do livro História II.



Na imagem, algumas pessoas fazem uma homenagem a uma estátua que está no centro da gravura, as mulheres e os homens depositam flores ao pé da estátua.

IMAGEM: Batalha de Naseby, na página 99 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.



No centro da imagem, dois homens montados a cavalo; à sua volta, homens e mulheres caídos ao chão. Na cena, há uma mulher sentada, chorando.

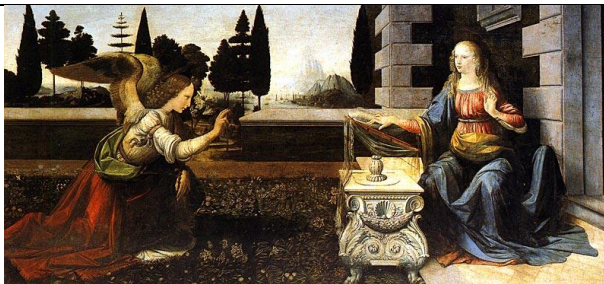
IMAGEM: Coroação da Rainha Negra na Festa dos Reis, na página 304 do livro Por Dentro da História I.

Na imagem, há onze mulheres negras festejando; algumas delas estão tocando instrumentos musicais, mas há uma mulher seguida por outra que lhe faz sombra com um grande guarda-sol; junto a essa mulher, está uma criança.



A MULHER E A RELIGIÃO

IMAGEM: Anunciação, na página 214 do livro História em Movimento I, na página 249 do livro Nova História Integrada I, na página 59 do livro História Geral e do Brasil II.



Na imagem, um anjo vem ao encontro de uma mulher que está sentada atrás de uma pequena mesa em um jardim. O anjo está ajoelhado na frente da mulher.

Obs. Não foram encontradas imagens cujos elementos se encaixassem nas categorias: A Mulher no Trabalho; A Mulher e a Política.

Para o período Contemporâneo, as imagens foram descritas nas categorias citadas acima.

A MULHER NA FAMÍLIA

IMAGEM: Família camponesa de Kahlenberg, na página 142 do livro História III, e na página 74 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio III.

Na imagem, uma família, composta pelo pai - no meio da família -, sua mãe - logo ao seu lado -, sua esposa com uma menina no colo - mais à frente - e mais uma menina fazendo um desenho num papel e um menino na frente do pai.



IMAGEM: Migrant Mother, na página 65 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio III, na página 85 do livro Nova História Integrada III.

A imagem mostra uma mulher sentada com um bebê no colo, com um olhar triste e pensativo; ao seu lado, estão seus dois filhos.



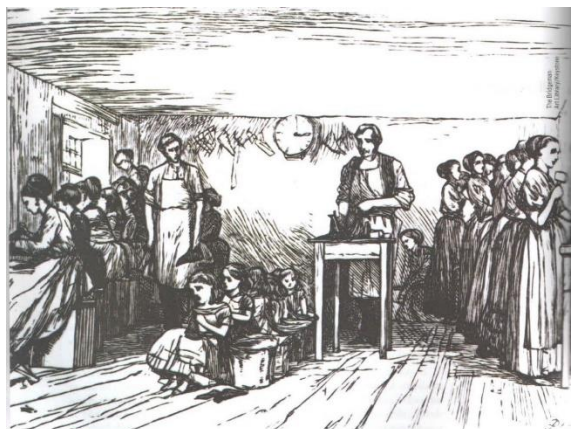
A MULHER NO TRABALHO

IMAGEM: Os refrescos do Largo do Palácio, na página 185 do livro História Geral e do Brasil II, na página 22 do livro Novo Olhar História I, na página 214 do livro História Sociedade e Cidadania II.



No centro da imagem, duas mulheres negras vendem quitutes em uma praça, alguns homens compram algo das mulheres que estão com as bandejas nas mãos.

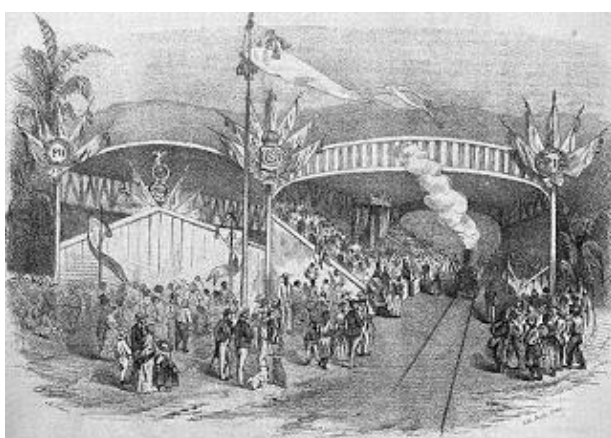
IMAGEM: Mulheres e crianças em um fábrica, na página 122 do livro História II.



Na cena, podem-se ver mulheres e algumas crianças trabalhando no interior de uma fábrica. Algumas delas estão sentadas no lado direito da imagem; no meio, há um homem de pé, na frente de uma pequena mesa; do lado esquerdo, há mais um grupo de mulheres: elas estão trabalhando de pé, e há outro homem, que parece estar vigiando o trabalho. As crianças realizam tarefas, estão sentadas no chão, em destaque na parede, um relógio redondo.

A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E O MASCULINO

IMAGEM: Inauguração da estrada de ferro em Mauá, na página 266 do livro História II, na página 162 do livro Por Dentro da História II.



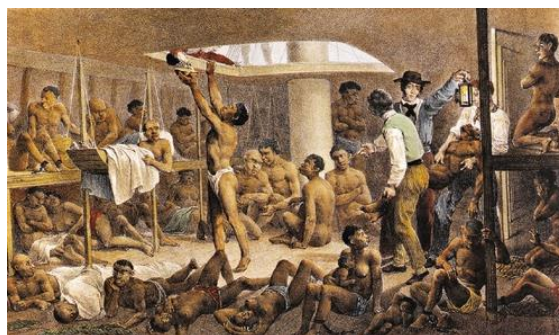
A imagem representa a inauguração de uma estrada de ferro. Várias pessoas comemoram a vinda do trem; estão presentes na imagem algumas mulheres, todas elas estão acompanhadas por homens, e algumas com seus filhos também.

IMAGEM: Praça do Hospício de N. S. Piedade, na página 214 do livro História II, na página 143 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.



A cena se passa em uma praça, ao ar livre. Há muitas pessoas passeando, as mulheres sempre estão acompanhadas, só as quitandeiras, as mulheres negras, não estão acompanhadas por algum homem.

IMAGEM: Negros no Porão do Navio, na página 294 do livro História I, na página 163 do livro Por Dentro da História II.



Na imagem, homens e mulheres escravizados estão sentados no chão, no porão de um navio; algumas mulheres estão representadas com seus filhos.

IMAGEM: Charge a Era de Ferro, na página 157 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.

Nessa charge, os homens são representados realizando tarefas domésticas, enquanto as mulheres saem de charrete, que é guiada por outra mulher. Essa charge está mostrando a troca de papéis.



A MULHER NOS MOVIMENTOS DA SOCIEDADE

IMAGEM: Manifestação Maio de 1968, na página 443 do livro Nova História Integrada III, na página 178 do livro Por Dentro da História III.

Alguns estudantes protestam na rua; no centro, há duas mulheres protestando.



IMAGEM: Mulheres na Guerra do Paraguai, na página 281 do livro História II, na página 175 do livro Por Dentro da História II.



Na imagem, vê-se um grupo de mulheres na fila para se alistarem para a guerra do Paraguai; há uma mulher sentada em uma mesa, fazendo os alistamentos. Algumas mulheres tocam instrumentos e outras seguram, em suas mãos, crucifixos.

IMAGEM: Junta revolucionária, na página 97 do livro História II, na página 120 do livro Por Dentro da História II.

No interior de uma casa, um grupo de pessoas está reunido, nele, há uma mulher com uma criança no colo; ela é a única mulher na cena, e está sentada perto de uma janela.



IMAGEM: Luditas quebrando as máquinas, na página 188 do livro História II, na página 146 do livro História Sociedade e Cidadania II.



Trabalhadores quebram as máquinas de uma indústria; uma mulher está com uma menina ainda pequena, olhando para a cena assustada.

IMAGEM: Cartaz da Guerra “Womem of Britain say-go”, na página 52 do livro Nova História Integrada III e na página 27 do livro História em Movimento III.



Na imagem, uma mulher abraça seus filhos olhando para a janela, enquanto os homens vão para a guerra.

IMAGEM: Mulheres e a marcha a Versalhes, na página 43 do livro História II, na página 42 do livro Por Dentro da História II, na página 189 do livro Novo Olhar História II, na página 130 do livro História em Movimento II, na página 114 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 161 do livro História Geral e do Brasil II.



Na imagem, tanto mulheres da burguesia como mulheres da classe populares marcham, empurrando um canhão, e outras carregam lanças.

IMAGEM: Representação do “Domingo sangrento”, na página 80 do livro História III, na página 39 do livro História Sociedade e Cidadania III.



A cena é na rua: no centro da imagem, um homem rasga sua camisa, homens e mulheres caem ao chão, uma das mulheres está no chão, abraçada à sua filha.

IMAGEM: Almerinda Faria Gamo, na página 93 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio III.



Na imagem, Almerinda Faria Gamo está sentada em uma mesa, e, à sua volta, se encontram vários homens. Ela assina um papel, a imagem é em preto e branco.

IMAGEM: Frida Kahlo, na página 131 do livro *Por Dentro da História III*, na página 163 do livro *História em Movimento III*.



A imagem é um autorretrato de Frida Kahlo; ela está segurando em sua mão direita uma pequena bandeira do México, e, em sua mão esquerda, tem um cigarro. Ela está vestindo um vestido longo e cor de rosa. Ao fundo, tem a imagem de algumas indústrias, e em meio à fumaça, uma bandeira dos Estados Unidos da América. Do outro lado, há um monumento antigo.

A MULHER E A POLÍTICA

IMAGEM: *Presidenta Dilma Rousseff*, na página 228 do livro *História das Cavernas ao Terceiro Milênio III*.

Na imagem, a ex-presidenta Dilma Rousseff está de pé, com a faixa de Presidenta.¹⁰



IMAGEM: *Carlota P. Queirós*, na página 97 do livro *História Geral e do Brasil III*.

¹⁰ Escrevemos “Presidenta” pois, segundo a própria Dilma Rousseff gostaria de ser chamada assim, para marcar o fato dela ser a primeira mulher a ser “presidenta” do Brasil.



Esta imagem representa a presença de uma única mulher na Sessão da Assembleia Constituinte de 1934: é Carlota Pereira de Queirós, primeira mulher Deputada brasileira.

A MULHER E A RELIGIÃO

IMAGEM: Fotografia de um encontro Inter-Religioso, na página 198 do livro História em Movimento I.



Nesta imagem, pode-se ver um grupo de quatro pessoas, da esquerda para a direita: a mulçumana Sevgi Uenver, ao seu lado o judeu Ron Rossbach, o cristão Michael Hoerter e o líder espiritual tibetano Dalai Lama; trata-se de um encontro inter-religioso.

Descritas as imagens selecionadas, divididas por períodos históricos e organizadas dentro das categorias, segue agora a descrição os textos.

2.5.2 Descrição dos Textos:

Após a leitura dos textos selecionados, buscou-se, dentre as sentenças, perceber matizes dos discursos sobre a mulher, aqueles que se aproximam do tema do trabalho, como as questões de gênero são representadas (ou não) nos livros didáticos de História. Os textos e suas

respectivas frases foram divididos nos períodos: Pré-história; Antiguidade; Idade Média; Idade Moderna; Contemporânea, e, posteriormente, descritos nas categorias: *A Mulher na Família*; *A Mulher no Trabalho*; *As relações entre o Feminino e o Masculino*; *A Mulher e os movimentos da sociedade*; *A Mulher e a Política*; *A Mulher e a Religião*.

Realizadas as leituras dos textos selecionados para o período da Pré-história, é possível afirmar que não foram encontrados discursos que se aproximassem ou se relacionassem com o tema do trabalho.

No período histórico da Antiguidade, foram encontrados os seguintes discursos:

A MULHER NA FAMÍLIA

TEXTO: O papel de uma e de outro, na página 60 a 61 do livro Por Dentro da História I. Esse texto é igual ao “Mulher egípcia” na página 56 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.

“que a mulher era encarada como tendo uma vocação essencialmente doméstica”

TEXTO: O monoteísmo dos hebreus, na página 68 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.

“avaliava-se o valor de uma mulher pelo número de filhos que ela conseguia gerar”

“desde cedo, preparadas para o casamento”

“Quando se casavam, elas tornavam-se propriedade dos maridos”

TEXTO: As mulheres no Antigo oriente, na página 90 do livro História Geral e do Brasil I.

“Em geral, as mulheres estavam submetidas à autoridade masculina e deviam mostrar submissão ao marido.”

“mas a maioria era educada apenas para exercer as funções domésticas e para a maternidade”

“o principal papel feminino era ser mãe”

A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E O MASCULINO

TEXTO: Educação, mulher e família, na página 109 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.

“eram educadas para serem esposas e mães”

TEXTO: As mulheres em Roma, na página 93 do livro Por Dentro da História I.

“duas mulheres valiam um homem nos domínios rurais”

TEXTO: Fonte 1, na página 222 do livro História Sociedade e Cidadania I.

“O cavaleiro achava que a primeira virtude a ensinar deveria ser a obediência. ”

“O sexo frágil, segundo ele, foi feito para obedecer. ”

TEXTO: A educação em Esparta: uma escola de guerreiros, na página 64 do livro História I.

“com o objetivo de dotá-las de um corpo forte e saudável para gerar filhos sadios e vigorosos”

A MULHER E A POLÍTICA

TEXTO: O papel atribuído às mulheres, na página 84 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.

“As mulheres atenienses não podiam participar das assembleias, exercer cargos públicos”

Obs. Não foram encontradas frases nos textos que se encaixassem nas categorias: A Mulher no Trabalho; A mulher e os movimentos da sociedade; A Mulher e a Religião.

No período histórico da Idade Média, foram encontrados alguns discursos; são eles:

A MULHER E A FAMÍLIA

TEXTO: A condição feminina no mundo islâmico, na página 129 do livro História I.

“que baixassem os olhos quando andassem em público”

TEXTO: Mulheres e crianças, na página 130 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio I.

“as mulheres eram desprezadas por serem consideradas frágeis e responsáveis pelo pecado original”

TEXTO: Sobre a mulher na idade média, na página 217 do livro História Geral e do Brasil I.

“Confinadas ao lar, as mulheres deveriam mostrar obediência e mansidão”

“a mulher incapaz de gerar filhos corria o risco de ser repudiada pelo marido”

“Ser mãe era a principal obrigação feminina”

Obs. Não foram encontradas frases nos textos que se encaixassem nas categorias: A Mulher e o Trabalho; A Relação do Feminino e o Masculino; A Mulher e os movimentos na sociedade; A Mulher e a Política; A Mulher e a Religião.

No período histórico da Idade Moderna, foram encontrados alguns discursos; são eles:

A MULHER E A FAMÍLIA

TEXTO: As várias faces da família colonial, na página 72 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.

“exercer sua autoridade sobre a mulher”

TEXTO: A família patriarcal, na página 260 do livro Por Dentro da História I.

“O papel destinado às mulheres era o de submissão ao homem e reclusão ao lar”

“deveriam passar do domínio do pai para o do marido.”

Obs. Não foram encontradas frases nos textos que se encaixassem nas categorias: A Mulher e o Trabalho; A Relação do Feminino e o Masculino; A Mulher e os movimentos na sociedade; A Mulher e a Política; A Mulher e a Religião.

Para o período histórico Contemporâneo, foram encontrados alguns discursos; são eles:

A MULHER E A FAMÍLIA

TEXTO: As mulheres na colonização, na página 292 do livro Por Dentro da História I.

“Passavam assim da tutela do pai para a do marido, para criar filhos.”

TEXTO: Papeis femininos, na página 213 do livro História Geral e do Brasil II.

“As mulheres podiam ter um ofício, se fosse um prolongamento do seu papel feminino ‘natural’.”

TEXTO: As mulheres na época do bandeirismo, na página 92 do livro História Geral e do Brasil II.

“Era desejável, portanto, que elas soubessem administrar e tomar decisões importantes, pois ficavam investidas de poder para representar seus maridos em pendengas judiciais, casar e dotar filhos.”

A MULHER NO TRABALHO

TEXTO: O trabalho feminino na indústria da seda, na página 104 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.

“[As mulheres] Dormiam em armários sob os teares, e seus salários eram guardados pelos patrões.”

A MULHER NOS MOVIMENTOS DA SOCIEDADE

TEXTO: As mulheres na revolução, na página 144 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.

“Além de defenderem os ideais da revolução, elas também reivindicaram direitos para as mulheres”

TEXTO: A luta feminina, na página 157 do livro História das Cavernas ao Terceiro Milênio II.

“Muitas mulheres não podiam sair desacompanhadas; igualmente eram proibidas de adquirir bens ou exercer uma profissão”

“Ricas ou pobres, muitas mulheres sofriam maus-tratos dos maridos e não eram assistidas por uma legislação que as amparasse. ”

“Entre outras coisas, elas reivindicavam igualdade de direitos entre os sexos, direito a educação de qualidade para as mulheres, defesa da livre associação entre trabalhadores, legislação do divórcio e sufrágio feminino. ”

TEXTO: Mulheres Negras, na página 169 a 170 do livro Por Dentro da História II.

“Se, de início, eram fonte de renda dos pequenos produtores dos núcleos urbanos do Brasil escravista, aos poucos elas, por causa da sua liberdade de circulação, eram um importante e ‘perigoso’ elo de integração, resistência e comunicação entre as várias populações negras. ”

“As negras igualmente foram fundamentais na resistência dos quilombos. ”

TEXTO: Os efeitos da guerra sobre a população civil, na página 23 a 24 do livro História em Movimento III.

“As mulheres passaram ainda a exercer atividades antes restritas aos homens, como dirigir ônibus e ambulâncias e também foram as frentes de batalha. ”

A RELAÇÃO DO FEMININO E O MASCULINO

TEXTO: A vez das mulheres, na página 382 do livro História III.

“Muitos alegavam que a igualdade entre os sexos destruiria a instituição do casamento e da família. ”

Obs. Não foram encontradas frases nos textos que se encaixassem nas categorias: A Mulher e a Política; A Mulher e a Religião.

Realizado o processo de descrição das imagens e dos textos encontrados nos livros didáticos de História selecionados, segue a análise dos dados.

2.6 Entre os discursos convergentes e idiossincráticos

O quadro a seguir apresenta a quantidade de vezes em que o discurso referente ao gênero, de modo especial, à mulher, aparece em cada categoria.

CATEGORIA:	IMAGENS:	TEXTOS	TOTAL
A Mulher na Família	13	11	24
A Mulher no Trabalho	14	1	16
A Mulher nos Diferentes Movimentos Sociais	20	3	23
A Relação do Feminino e o Masculino	36	5	41
A Mulher na Política	2	2	4
A Mulher na Religiosidade	6	0	6

A partir da sistematização apresentada no quadro acima, é possível perceber que a categoria em que os discursos mais se apresentaram foi “*A Relação do Feminino e o Masculino*”, sendo também possível notar que foram encontradas apenas duas imagens e dois textos na categoria “*A Mulher e a Política*”.

Assim, com base no levantamento das convergências e idiosincrasias, procurou-se entrecruzar os discursos com as categorias, ou seja, apresentar os discursos que se aproximam. Desse modo, foi apresentado didaticamente o entrecruzamento primeiramente das imagens e, na sequência, dos textos.

2.6.1 Das imagens

<i>A Mulher na Família</i>	<i>A Relação do Feminino e o Masculino</i>
IMAGEM: Família camponesa de Kahlenberg: Na imagem, uma família, composta pelo pai - no meio da família -, sua mãe - logo ao seu lado -, sua esposa - com uma menina no colo, mais à frente - e mais uma menina -fazendo um desenho em um papel papel - e um menino - na frente do pai.	IMAGEM: Grupo de indígenas: Dois homens e uma mulher estão presentes nesta imagem: os homens estão na frente, e são representados como grandes e fortes; já a mulher está mais atrás, e é representada uma pouco menor que os homens.
IMAGEM: Xilogravura:	IMAGEM: Casal burguês:

Nesta imagem, vê-se uma família de um soldado germânico. Na cena, estão presentes dois homens, uma mulher e um menino ainda criança, todos de pé. O homem mais velho, que ao que parece, é o pai, está mais à frente, com uma lança e escudo na mão, como se estivesse se preparando para uma guerra. Ao seu lado, está a mulher, sua esposa: ela olha para ele com admiração, e a criança que está com ela também olha para o homem, seu pai. Atrás deles, está o segundo homem, um jovem que também possuiu um escudo.	Nesta imagem, há um casal de pé, de mãos dadas. O homem está do lado esquerdo e a mulher do lado direito; ele está vestindo uma roupa marrom escura com um chapéu preto, e sua mão esquerda está levantada. A mulher, vestindo um vestido verde que lhe cobre os pés, está grávida, e seu olhar está voltado para o chão. Ao fundo, se percebe bastante riqueza na casa. Um cachorro pequeno está na frente do casal.
---	--

2.6.2 Dos textos

<i>A Mulher na Família</i>	<i>A Relação do Feminino e o Masculino</i>
TEXTO: A Família Patriarcal “O papel destinado às mulheres era o de submissão ao homem e reclusão ao lar”	TEXTO: Fonte 1 “O sexo frágil, segundo ele, foi feito para obedecer. ”
TEXTO: As mulheres no Antigo Oriente “o principal papel feminino era ser mãe”	TEXTO: Educação, mulher e família “eram educadas para serem esposas e mães”
TEXTO: O monoteísmo dos hebreus “avaliava-se o valor de uma mulher pelo número de filhos que ela conseguia gerar”	TEXTO: Sobre a mulher na Idade Média “a mulher incapaz de gerar filhos corria o risco de ser repudiada pelo marido”

Após realizado o entrecruzamento dos discursos entre as categorias, segue a análise do estudo com base na categoria: “As questões de gênero: diferenças ou desigualdades? ”

3. “AS QUESTÕES DE GÊNERO: DIFERENÇAS OU DESIGUALDADES?”

3.1 A MULHER NA FAMÍLIA:

Primeiramente, é preciso refletir sobre o que é família. Segundo Lévi-Strauss (1972), família é uma aliança que surge do casamento, onde marido e mulher se unem no religioso ou legalmente, depois vêm os filhos, resultado dessa união. Assim, para esse autor, o conceito de família está relacionado ao de parentesco. Esse conceito de família é o mais representado e defendido pela sociedade, e também está presente nos livros didáticos analisados.

A família representada nos livros didáticos é a heterossexual (pai + mãe + filhos) e Patriarcal, e, apesar das diversas discussões atuais sobre o que é a família, onde se procura problematizar esse conceito de família apresentado por Lévi-Strauss (1972), os autores dos livros didáticos de História analisados não procuram, em nenhum momento, discutir as outras configurações de família. Toma-se a família heterossexual como norma, e, com isso, não se pode fugir de analisar e discutir sobre a mulher na família e como as questões de gênero influenciam seu cotidiano dentro dessa instituição. Nesse modelo de família apresentado pelos livros didáticos de História analisados, a mulher é sempre lembrada em seu papel da maternidade, bem como o de ser boa esposa, cuidar da casa, do marido e dos filhos.

O papel que se espera da mulher fica bem claro nas imagens: a mulher na família sempre é retratada com pelo menos um (a) filho (a). Já nos textos, o que se percebe é o reforço do que já está nas imagens, com frases que definem o destino natural da mulher. Eis aqui alguns exemplos encontrados:

*Texto: As mulheres no Antigo oriente:
o principal papel feminino era ser mãe*¹¹

Espera-se que a mulher seja mãe e boa esposa, destino “natural” para o sexo feminino, sendo que cada indivíduo, homem ou mulher, possui, dentro da família, um papel que já fora construído socialmente.

A mulher, então, é marcada por uma vida maternal, recolhida ao lar e aos seus afazeres domésticos e devotada à educação dos filhos. Sendo assim, a mulher era o espelho de sua

¹¹ História Geral e do Brasil I, na página 90.

família, que deveria refletir os bons costumes e a moral. Tomamos como exemplo Marcela Temer, esposa do Presidente Michel Temer, que se vestiu de branco no desfile do 7 de setembro do ano de 2016. A Folha de São Paulo dedicou uma página inteira de sua impressão diária para analisar o vestido da Primeira-dama, que segundo a reportagem é um resumo da mensagem que o Presidente Michel Temer queria passar. Na Roma antiga, virgens que viviam reclusas e que simbolizavam a pureza da república romana vestiam branco símbolo de sua pureza. Marcela Temer, esposa do Presidente Temer é um exemplo desse reflexo que a mulher deveria passar para a sociedade.

Segundo as autoras Borsa e Fiel (2008) as mulheres só tinham valor perante a sociedade depois que fossem mães.

a maternidade se configurou, ao longo da história, como a única função valorizada socialmente, desde os tempos remotos da humanidade e que se estendeu até meados do século XX, função esta que permitia à mulher ser reconhecida e valorizada. Assim ser mãe era pertencer a uma classe especial, ter uma posição de aparente prestígio dentro da sociedade. (Pág.4)

O que se torna visível nos textos analisados, é o papel social da mulher, que fora reduzido ao de ser mãe. Eis outro exemplo:

TEXTO: O monoteísmo dos hebreus:
avaliava-se o valor de uma mulher pelo número de filhos que ela conseguia gerar¹²

Novamente, para as autoras Borsa e Fiel (2008), o papel maternal da mulher é cultural e socialmente construído. Segundo elas, “A sacralização da figura de mãe surge como uma forma de reprimir o poder e a autonomia da mulher, a partir da construção de um discurso que a culpará e a ameaçará, caso não cumpra seu dever materno dito natural e espontâneo”. (p.4)

Esse discurso está presente nos textos dos livros didáticos de história analisados. Eles apresentam a situação de submissão das mulheres, mas não o problematizam, não o discutem com os possíveis leitores de seus livros didáticos.

TEXTO: Sobre a mulher na idade média

¹² História das Cavernas ao Terceiro Milênio I, na página 68.

a mulher incapaz de gerar filhos corria o risco de ser repudiada pelo marido¹³

Esses papéis desempenhados pelas mulheres são impostos a elas, e, para a autora Danièle Kergoat (2003), “As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas, antes de tudo, construções sociais” (p.55). Isso conduz à percepção de que as imagens e os textos presentes nos livros didáticos de história que foram analisados apresentam somente informações sobre a situação da mulher na família, sobre o papel que é esperado dela, de como ela é oprimida pelo domínio patriarcal se não cumprir seus deveres como mãe e como esposa, mas, em nenhum momento, há problematizações do tratamento desigual nas questões de gênero durante os diferentes períodos históricos.

3.2 A MULHER NO TRABALHO

Se, historicamente, a mulher conquistou seu espaço no mercado de trabalho e galgou alguns degraus em cargos e profissões que antes eram considerados masculinos, outros pontos não sofreram nenhuma alteração, como por exemplo, o preconceito sofrido pelas mulheres que ocupam esses lugares, e sua dupla jornada no trabalho e na família. Seu papel como mãe e dona de casa não foi esquecido pela sociedade. A mulher pode trabalhar fora de casa, mas, ainda tem que cumprir seu papel feminino de ser mãe.

Amanda Gonçalves Pereira (2012), em seu trabalho “Divisão sexual do trabalho: limitação à igualdade de gênero e ao desenvolvimento”, escreve que “O trabalho doméstico atribuído à mulher na figura da dona de casa é desvalorizado, pois não se torna em mercadoria e não é quantificável monetariamente, e numa sociedade capitalista o que não é quantificável e não se torna em mercadoria não é produtivo” (p.3).

Segundo a autora Camila Daniel (2011), “O trabalho remunerado não as isenta das responsabilidades com as atividades domésticas não remuneradas, por isso, elas estão duplamente ocupadas com o trabalho: remunerado e não remunerado” (p.329).

Assim, a entrada da mulher no mercado de trabalho não significa mudança nos paradigmas da sociedade e nem nos papéis socialmente definidos para homens e mulheres,

¹³História Geral e do Brasil I, na página 217.

muitas vezes reafirmando a opressão sofrida pelas mulheres e reproduzindo valores da sociedade patriarcal. Novamente, para a autora Camili Daniel (2011), “A generificação do trabalho se manifesta das maneiras mais diversas e de maneiras também diversas são interpretadas pelos indivíduos, tanto mulheres e homens em profissões mistas, profissões ditas femininas ou masculinas” (p.338).

Outro ponto importante no que diz respeito ao trabalho das mulheres é a remuneração pelos serviços prestados, bem como a o reconhecimento social desse serviço. Coloca-se um “valor” no trabalho das mulheres que é diferente do dos homens. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2014, as mulheres receberam, em média, 74,5% da renda dos homens. Esses dados mostram que a diferença de remuneração dos serviços prestados por homens e mulheres ainda persiste em pleno século XXI. Reitere-se que os livros didáticos analisados somente trazem informações, não há um momento de reflexão sobre a valorização financeira e social do trabalho feminino.

A Mulher e o trabalho no campo/agricultura

As imagens e os textos referentes à mulher que trabalha no campo serão analisados em uma seção separada. A razão é a diferença das condições das mulheres trabalhadoras nos grandes centros urbanos e das mulheres do campo. O trabalho das últimas tem suas especificidades, e uma das diferenças é que, nos centros industriais, é estabelecido um salário ao empregado (a), e também o (a) trabalhador (a), que é protegido (a) por leis trabalhistas. No campo/agricultura, a mulher trabalhadora, muitas vezes, depende da divisão dos lucros gerados, com seu companheiro, marido ou filhos. Ela não dispõe de nenhuma ou quase nenhuma legislação protetiva, legislação esta que, quando existe, é quase sempre por ela ignorada.

Nas imagens e os textos dos livros didáticos de história selecionados, a mulher que trabalha no campo é representada trabalhando junto com os homens no campo, na agricultura. Ela sempre está exercendo uma atividade mais “fácil”; o esforço físico é o homem quem faz. As imagens mostram a divisão sexual do trabalho no campo, onde as tarefas das mulheres é plantar e colher. O serviço do homem é arar e preparar a terra. Essa divisão sexual das tarefas acaba por desvalorizar o trabalho da mulher no campo, pois é representado como sendo apenas de auxílio ao trabalho pesado dos homens, e, muitas vezes, não é remunerado de acordo com a duração da jornada. Abaixo, vê-se uma imagem do período histórico da Antiguidade.

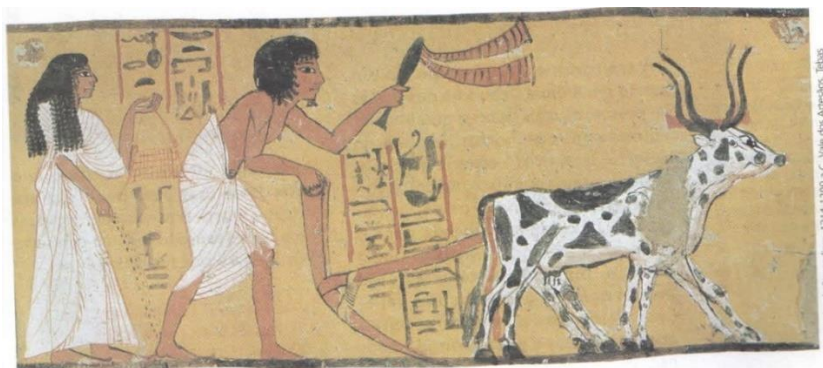


Figura 1: Camponeses lavrando

A Mulher e o Trabalho na Cidade ou na Indústria

Ao examinar as imagens e os textos que mostram a mulher que trabalha na cidade, nas indústrias ou nos comércios, percebe-se que, além de receberem salários menores, as mulheres ainda viviam com a sombra de, a qualquer momento, serem substituídas por máquinas ou por técnicos, e eram constantemente vigiadas por homens.

TEXTO: O trabalho feminino na indústria da seda.

[As mulheres] Dormiam em armários sob os teares, e seus salários eram guardados pelos patrões.¹⁴

Com o tempo, ao receber mais oportunidades, a mulher começou a estudar, se especializar e aumentar seu grau de escolaridade, muitas vezes mais do que os homens. Mas esse processo não levou a uma melhor valorização, renumeração e qualificação do trabalho feminino. Mesmo com maior escolarização, as mulheres recebiam - e ainda recebem - salários menores dos que os homens, o que somente agrava a desigualdade entre os gêneros.

Quando nos referimos ao trabalho doméstico, seja ele no campo ou na cidade, em nenhum momento é discutido sobre a divisão das tarefas domésticas entre o homem e a mulher. Mas o que foi observado, que esse trabalho é tomado como uma tarefa destinada ao sexo feminino, mesmo que as mulheres realizem algum trabalho remunerado, ou não, fora de casa, para elas ainda resta o dever de cuidar da casa.

Para a autora Claudia Mazzei Nogueira (2010), é um acontecimento histórico e social.

¹⁴História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, na página 104.

A divisão sexual do trabalho é, portanto, um fenômeno histórico, pois se metamorfoseia de acordo com a sociedade da qual faz parte. Mas, na sociedade capitalista, ainda nos dias de hoje, o trabalho doméstico permanece predominantemente sob a responsabilidade das mulheres, estejam elas inseridas no espaço produtivo ou não. (Pág.59)

Outro ponto que merece atenção é que, quando se fala da mulher no trabalho, nas imagens e nos textos, as mulheres não aparecem em cargos importantes, como por exemplo, em cargos de chefia. Quando a mulher é representada, tanto nas imagens como nos textos, em tarefas domésticas, os autores não problematizam a *naturalização* do papel das mulheres com os afazeres do *lar*.

3.3 A MULHER NA POLÍTICA:

Primeiramente, se faz necessário explicar aqui o sentido em que este trabalho emprega a palavra Política. Utilizamos o conceito de Política em seu sentido mais amplo, de que qualquer movimento social é política. Segundo a autora Almira Rodrigues (2005) a política, “É o espaço onde transcorre a luta e a defesa de direitos e de interesses e, por conseguinte, um locus privilegiado de conflito, que pode ser enfrentado a partir do diálogo, do consenso, da negociação, e também da disputa, do confronto e, ainda, da chantagem, da cooptação, da violência física” (pág.1).

Destaque-se, ainda, que foram encontradas apenas duas imagens e um texto que tratam da mulher na política como representantes do Legislativo e/ou Poder Executivo.

Pouco se discute sobre a mulher na política, sobre sua participação. Talvez isso se deva ao fato de esse espaço ter sido considerado, por muito tempo, exclusivo dos homens, e as mulheres eram vistas como incapazes de assumir um papel importante na sociedade. O que é compreensível, se se analisa historicamente o papel e o lugar destinado às mulheres: ser mãe e boa esposa, cuidar da casa e dos filhos, ou seja, ser *dona do lar*. Seguem dois exemplos, um do período da Grécia Antiga, e o segundo sobre o papel das mulheres na sociedade ateniense:

TEXTO: Educação, mulher e família¹⁵

As mulheres, independente da camada social à qual pertencia, eram educadas para serem esposas e mães e não podiam participar das decisões políticas.

TEXTO: O papel atribuído às mulheres¹⁶

A sociedade ateniense foi organizada para o mundo masculino. As mulheres atenienses não podiam participar das assembleias, exercer cargos públicos, herdar bens e sair de casa desacompanhadas.

A sociedade enaltece o trabalho que o homem faz na política, e a mulher é criticada por desejar participar de um espaço tão masculino. Tomar decisões importantes e criar novas leis para a sociedade ainda parte de homens que detém o poder. Como, então, não seriam efetivadas leis que oprimem a mulher se a sociedade ainda é governada por um patriarcado? A mulher, quando decide participar da política, se depara com muitos obstáculos, barreiras essas que os homens não enfrentam, pois, para eles, esse destino político é natural e desejável. Os obstáculos que as mulheres enfrentam muitas vezes fazem com que elas desistam da política, pois precisam conciliar política com a rotina doméstica, que ainda é visto como dever somente da mulher. Assim, a mulher acaba por ter que decidir entre sua vida na política ou seu papel de mãe.

Quando alguma mulher supera esses obstáculos, há outros a serem superados. A invisibilidade da Mulher na política é latente e explícita, é comum vê-la em cargos políticos mais baixos, e, quando uma mulher se candidata ou se elege para um cargo público, como, por exemplo, para Deputada, as questões de maior visibilidade são destinadas aos homens - para as mulheres, são destinados assuntos não tão polêmicos ou com menor grau de importância e responsabilidade. Assim, a participação da mulher é vista como uma fachada para tentar vender a ideia de que a sociedade está mudando e evoluindo. Por sorte, pode-se ver uma mudança na política: mulheres estão cada vez mais participando e se inserindo na política. Mas, também, sua participação não quer dizer igualdade nesse espaço.

Assim, fica claro de que forma as questões de gênero interferem na participação da mulher na política. Espera-se que ela, por ser mulher, seja um exemplo. Quando se faz referência à corrupção, quando ela é praticada por homens, considera-se reprovável. Mas, no caso de corrupção praticada por uma mulher, o imaginário da sociedade entende esse fato como

¹⁵História das Cavernas ao Terceiro Milênio I, na página 109.

¹⁶ História das Cavernas ao Terceiro Milênio I, na página 84.

um desvio da natureza feminina. Segundo os autores Brabec e Santana (2008), “Todavia, a mulher acaba sendo cobrada mais que o homem, pois a ela é atribuído o papel de responsável pela transmissão de valores e normas” (Pág.406). No caso do Brasil, as mulheres precisaram de *cotas* para poder assegurar algum espaço na política. Mas, a lei que garantiu 30% das vagas às mulheres dentro dos partidos não garantiu - e nem garante - as mesmas oportunidades de subir na carreira política de que disfrutaram os homens.

Segundo as autoras Grossi e Miguel (2001), em seu trabalho *Transformando a diferença: As mulheres na política*:

Logo após a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, ocorrida em setembro de 1995, em Beijing/China, a bancada feminina no Congresso Nacional, influenciada pelas experiências exitosas de outros países e pelo contexto dessa conferência, que teve entre os seus objetos de debates e resoluções a temática do acesso ao poder, se articula e propõe que se inclua, na legislação eleitoral brasileira, um artigo assegurando uma cota das vagas de cada partido ou coligação para as candidaturas de mulheres. (Pág.169)

No ano de 2010, uma mulher é eleita e chega à presidência no Brasil: Dilma Rousseff, mostrando que o país deu um grande passo. Mas o avanço das mulheres na arena política não fez com que elas sejam consideradas com o mesmo nível de capacidade que os homens. O machismo está enraizado no Congresso de Brasília. Nos livros didáticos analisados, foram encontradas imagens da ex-presidenta Dilma Rousseff, mas os autores não propuseram uma discussão sobre a mulher na política.



Figura 02: Dilma Rousseff

Ao chegar ao poder, por uma caminha longa e árdua, a mulher ainda tem de superar outras barreiras, ela deve provar sua capacidade de governar, como se isso não fosse uma característica natural das mulheres. Quando se examina a situação das mulheres na política nos livros didáticos analisados, elas pouco aparecem ou nem são citadas. Somente um texto e algumas imagens representaram a participação das mulheres na política a partir do século XX.

Uma das imagens é de Carlota P. Queirós, a primeira Deputada do Brasil. Na imagem, ela é a única mulher na Sessão da Assembleia Constituinte de 1934.



Figura 3: Carlota P. Queirós

Com muita luta e outros tantos movimentos, as mulheres, aos poucos, foram conquistando direitos. Porém, essa luta ainda não chegou ao fim, as mulheres precisam de mais espaço no Executivo e no Legislativo. A inserção da mulher na política, espaço anteriormente destinados apenas aos homens, permite questionar o *status quo* da sociedade brasileira, visando a que se supere a desigualdade de gênero na política, fundamentada que está em habilidades tidas como naturais nos homens.

Segundo a autora Almira Rodrigues (2005) “A Política, enquanto espaço singular de práticas e relações sociais, constitui o caminho privilegiado para a realização de mudanças na sociedade” (p.1).

3.4 A MULHER NA RELIGIOSIDADE

As instituições religiosas possuem um papel importante na vida e na formação da sociedade, influenciando na construção de valores nos diversos grupos sociais. Assim, exercem

também uma forte influência sobre a construção dos gêneros. As mulheres aparecem, nessa categoria, apenas como santas, deusas ou a Virgem Maria. Somente em uma imagem, a mulher representa sua religião não como santa ou outro estereótipo, e sim como representante de sua religião e mulher. A imagem, logo abaixo, é uma fotografia de um encontro inter-religioso no ano de 2007, a mulher muçumana é Sevgi Uenver.



Figura 04: Fotografia de um encontro Inter-Religioso

Já no próximo exemplo a imagem é da deusa Tellus que está representada com seus filhos. Aqui, novamente, é lembrado o “papel natural” da mulher de ser mãe.



Figura 05: Deusa Tellus

Neste outro exemplo, pode-se ver o quadro “Anunciação”, de Leonardo da Vinci, onde Maria recebe a visita do anjo Miguel. É outra representação da mulher como santa, e não expressa uma participação efetiva da mulher na religião. Esta imagem remete ao modelo de

mulher pura, o exemplo que todas deveriam seguir, e que também remete a outro *destino* da mulher, que é o de ser mãe.



Figura 06: Anunciação

Representações de mulheres santas ou deusas não significa que as mulheres participem da religião, pois todas essas imagens também estão marcadas por uma construção de gênero. Afinal, poder-se-ia perguntar: por que toda mulher deveria seguir o exemplo de Maria? Não seria por que a sociedade dominante assim deseja? Maria é mãe carinhosa que cuida da família com toda dedicação - não que esse papel não *possa* ser desempenhado pelas mulheres, mas o que está em questão é a obrigatoriedade desse papel para todas as mulheres.

3.5 A RELAÇÃO ENTRE O FEMININO E O MASCULINO

O diálogo sobre a relação entre o feminino e o masculino remete às desigualdades entre homens e mulheres, desigualdades essas que estão presentes desde a esfera privada - a família - e continua na esfera pública, ou o que podemos chamar da vida fora do lar. São construções sociais e culturais que ainda hoje se perpetuam. Não é possível falar da relação entre o feminino e o masculino sem abordar as questões da família, o papel que cada um, seja mulher ou homem, exerce dentro dessa instituição. A relação do homem e da mulher, do pai e da mãe, influenciou significativamente o modo como a sociedade se estabeleceu. As relações dentro da família - ou os papéis destinados a cada um, dentro dela - refletem-se na esfera pública, e, assim, na construção da sociedade.

Retrocedendo no tempo e analisando o princípio da história da humanidade, pode-se ver a posição de destaque e de privilégio das mulheres, pois era ela quem gerava a vida, e que dava continuidade aos grupos. Mas, com o tempo, o que há milhares de anos atrás fazia a

mulher ser a detentora do poder, agora a oprime em um só papel, no que é considerado seu *destino natural*, ser mãe.

Segundo Muraro (2003) quando homens e mulheres viviam da caça e da pesca, em uma sociedade que segundo a autora era baseada na “Lei da Solidariedade e da Partilha” (p.12) a mulher tinha um papel de destaque e de poder, pois o homem não sabia do seu papel na procriação. A autora ainda nos fala, que havia “um rodizio de lideranças”, onde homens e mulheres dividiam o poder.

Quando, acerca de quatrocentos mil anos atrás os seres humanos passaram a viver em uma Sociedade de Caça o poder passou a ser conquistado pela força física, foi nesse momento, segundo Muraro (2003), que a mulher deixou de compartilhar o poder com o homem, e inaugura-se assim a supremacia dos homens (p.17).

Assim, o fato da mulher ser reprodutora, fez com que ela, na sociedade coletora, obtivesse privilégios e um papel de destaque, de governante do grupo e após as mudanças na sociedade, que passa a ser caçadora, o papel da mulher se resume ao de ser mãe, cuidar dos filhos e de seu marido, o homem torna-se dono da mulher.

Assim, o que se percebe é que toda essa ideologia se reflete nas imagens e nos textos dos livros didáticos de história analisados. Nas imagens, o mais notável é o modo como homens e mulheres são representados: o sexo masculino sempre mais à frente e em posição viril, pretendendo mostrar a força física e moral que supostamente o homem detém; já à mulher cabe o papel de admiradora desse ser tão imponente. Aqui, mais um exemplo:



Figura 07: Grupo de arianos

A imagem acima expressa a coragem do homem, seu papel de desbravador; a mulher, que fica mais atrás na imagem, espera o homem decidir para onde o grupo vai, a mulher não tem voz, ela não ajuda a decidir o destino do grupo. A imagem também reafirma o papel da mulher como reprodutora. Os autores dos livros didáticos de história examinados neste trabalho utilizam esse tipo de imagens para ilustrar os conteúdos, e acabam esquecendo de discutir criticamente com o aluno e a aluna a mensagem veiculada pela imagem e de que forma estão representadas as pessoas das gravuras. Novamente, há somente informação nas imagens e nos textos, mas não é realizada uma discussão crítica com os possíveis leitores.

3.6 A MULHER NOS DIFERENTES MOVIMENTOS DA SOCIEDADE

Um ponto que merece atenção e destaque já de início é o fato de, em muitas imagens selecionadas na categoria “A Mulher nos diferentes movimentos da sociedade”, a mulher ser representada com um (a) filho (a) em seu colo. Esse fato demonstra uma preocupação em representar a mulher nos diversos movimentos sociais, mas sem esquecer seu papel de mãe, de reprodutora. Pode-se constatar essa situação no exemplo abaixo:

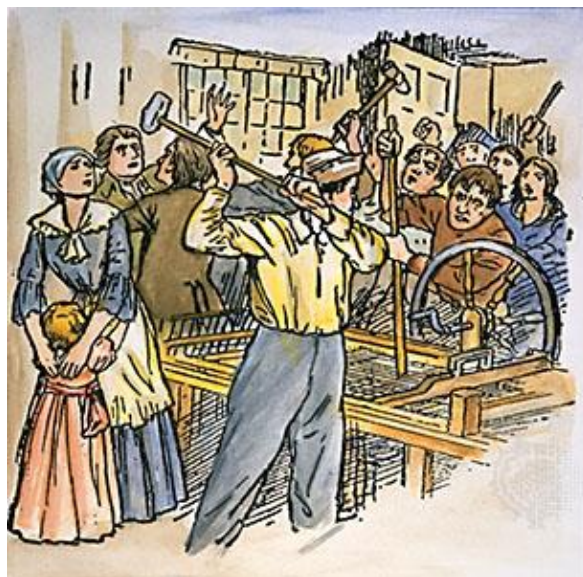


Figura 08: Luditas quebrando as máquinas

Nos textos, os movimentos sociais de que as mulheres participam como coadjuvantes ou protagonistas são, em sua maior parte, movimentos feministas e pelo sufrágio universal. Como pode-se ver no exemplo abaixo:

Texto: *A luta feminina*¹⁷

Entre outras coisas, elas reivindicavam igualdade de direitos entre os sexos, direito a educação de qualidade para as mulheres, defesa da livre associação entre trabalhadores, legislação do divórcio e sufrágio feminino.

Nessa categoria, os conteúdos mais presentes nos textos abordavam os movimentos feministas e a luta por direitos antes negados às mulheres. Não se deseja desmerecer esse movimento: pelo contrário, ele é de extrema importância. Mas, o que chama a atenção é a forma como são apresentados esses textos: muitos dele são quadros explicativos, box, apresentando esses conteúdos quase que na forma de curiosidade sobre a história. Em sua maioria, os textos não são dos autores que produziram o livro didático de história. São textos curtos, que apresentam informações sobre a luta das mulheres, mas não discutem seus efeitos na sociedade. Isso fortalece a ideia de não se dar muita importância para esses conteúdos. Há falta de textos e imagens sobre mulheres negras em todas as categorias, mas em especial nesta, “A Mulher nos Diferentes Movimentos da Sociedade”. Não foram encontrados textos nem imagens que

¹⁷ História das Cavernas ao Terceiro Milênio II, página 157.

tomassem mulheres negras como protagonistas de algum movimento social, não trazendo nem informação nem propondo discussão.

Observa-se, também, que a informações destacadas pelos livros didáticos de história analisados foram: a submissão das mulheres ou sua luta contra o domínio masculino, como se as mulheres não tomassem parte ativa na produção histórica, como se elas não possuíssem história, não problematizando as formas como são construídos os sujeitos masculino e feminino.

Para finalizar, reafirme-se que tudo o que foi observado durante a análise de todas as categorias – e, dentro delas, as imagens e os textos - são apenas *informações* sobre a situação da mulher, não houve momentos de *discussão* sobre as questões de gênero, sobre os papéis destinados a homens e mulheres. Assim, o que se conclui com a análise dos livros didáticos de história, foi que as imagens e os textos reproduzem – e, aqui, não se pode precisar se intencionalmente ou não da parte dos autores - e naturalizam as práticas sociais entre homens e mulheres, reafirmando papéis pré-estabelecidos pela sociedade como algo já dado e pronto, sem nenhuma discussão, fato que só serve para reproduzir essas mesmas ideias, em vez de promover mudanças.

Após o processo de análise das imagens e dos textos selecionados, segue agora uma breve reflexão sobre os livros didáticos, com alguns apontamentos para uma escolha mais criteriosa dos mesmos.

3.7 ALGUMAS PALAVRAS FINAIS SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

O propósito desta seção é refletir de forma breve sobre a escolha dos livros didáticos de história, com o objetivo de fazer com que os professores e professoras, em especial da área de história, voltem um olhar mais atento para seus materiais didáticos. O livro didático é um objeto que carrega consigo uma gama de representações sociais, bem como discursos que, de forma alguma, podem ser tomados como neutros, pois eles são escritos por autores e autoras inseridos em um determinado momento histórico, dentro de uma sociedade e de diferentes culturas; assim, tudo isso influencia e interfere em sua produção.

Segundo as autoras Pastro e Contiero (2002), “O livro didático é o material que propõe a uma ação educativa, cujo conteúdo é pensado e elaborado tendo em vista as concepções e os valores que o produtor, no caso do autor, e a escola consideram desejáveis para sua clientela” (p.62). É grande a importância do ensino de história para a formação de alunos e alunas em cidadãos críticos e ativos para a sociedade. O livro didático é presença garantida nas aulas de história. Então, é de extrema importância a reflexão sobre sua construção, sobre os objetivos que esse material tem e quais os valores que ele transmite. É discutindo o livro didático que ele pode ser melhorado. Para as autoras Miranda e Luca (2004), “Nessa perspectiva, os livros, para além de se constituírem em vetores ideológicos, são fontes abundantes, diversificadas e, ao mesmo tempo, completas, visto que cada obra constitui uma unidade própria e coerente, com princípio, meio e fim” (p.131).

O livro didático é uma ferramenta que desempenha, nas mãos dos professores, diversas funções, por exemplo, como suporte para auxiliar na produção e mediação de suas aulas, e muitas vezes como material de estudo tanto para os professores como para os alunos. Assim, é imprescindível discutir o livro didático de história, pois, se o professor utiliza esse material como sua fonte de informações ele transmitirá as “verdades” ali contidas para seus alunos. O professor e/ou a professora, como sujeito que tem o poder de escolher o livro didático de história através do PNLD, não deve olhar as imagens como meras ilustrações do conteúdo, pois elas estão carregadas de informações e valores, bem como de uma ideologia subjacente. A escolha do material deve ser feita com muita atenção, porque as imagens não são meros elementos decorativos nos livros didáticos, mas sim recursos de comunicação com o/a aluno (a). Assim, é preciso realizar uma leitura atenta da forma como são apresentadas as imagens e o que elas estão tentando transmitir, qual o objetivo dela frente ao conteúdo e ao aluno e aluna, pois esse material pode ou não manter representações da sociedade dominante sobre as relações de gênero.

O mesmo acontece com os textos, com o que eles querem informar, com o discurso que ele está propagando e, mais importante, como vão fazer isso. Pois as informações contidas nos livros didáticos são tomadas pelos alunos e alunas, muitas vezes, como verdades absolutas, e, se as questões de gênero não forem devidamente discutidas, passarão despercebidas. Cabe, assim, aos professores e professoras, discutirem essas verdades impostas pelos livros didáticos com os alunos e alunas. Ao escolher os livros didáticos que serão utilizados ao longo dos anos letivos, deve-se prestar atenção para identificar se as imagens e os textos reproduzem, de

alguma forma, modelos normativos, e/ou fixam papéis tradicionais de gênero em torno de homens e mulheres e se reforçam estereótipos tidos como verdadeiros pela sociedade.

O modo como as imagens e os textos são apresentados nas páginas dos livros didáticos de história justificam-se para chamar a atenção dos alunos e alunas e promover a leitura. Assim, o professor ou a professora deve saber lidar com as falhas de conteúdo e/ou a falta de discussões sobre as questões de gênero nos livros didáticos de história. O livro didático, como ferramenta de mediação para o ensino e aprendizagem, merece atenção: na hora da escolha, não se deve apenas apontar para um volume na lista do PNLD, e sim estudá-lo e analisá-lo.

A proposta deste trabalho é fazer com que os professores reflitam na hora de escolher o livro didático, e saibam identificar as formas que os mesmos apresentam e discutem os diversos temas e também as questões de gênero. O livro didático está ligado diretamente com o ensino, e, como já dito acima, ele é, muitas vezes, a fonte de informação e fundamentação dos professores. Essa ferramenta metodológica não é um objeto neutro, ele é tendencioso, podendo reforçar visões de mundo estipuladas pela classe dominante. Ao analisar os livros didáticos de história do Ensino Médio, percebeu-se que eles apresentam algumas informações sobre as questões de gênero, mas não foi possível encontrar uma discussão aprofundada e histórica sobre esse tema. Com a proposta dessa pesquisa, espera-se contribuir para uma revisão do modo como se reproduzem as ideologias, papéis e normas da sociedade brasileira nos livros didáticos de história do Ensino Médio, bem como para que esse material não seja apenas um veículo dessas ideologias, que reproduzem os ideais de uma sociedade patriarcal, machista e desigual.

Informação sem discussão somente irá reproduzir as diferenças históricas entre o homem e a mulher. Os livros didáticos devem problematizar a construção e a relação do masculino e o feminino. Para a autora Tatiana Lima Siqueira (2008), o conceito de gênero é um desafio colocado para a história, e mais:

é esta a tarefa que esta área do conhecimento deve empreender, para desse modo ser um instrumento útil na construção de uma sociedade com relações mais equitativas no que se refere a mulheres e homens, sujeitos históricos de igual valor no processo de constituição das sociedades. (p.117)

Discutir as questões de gênero na sala de aula e a forma como elas são representadas no livro didático de história é de fundamental importância, e, como afirma a autora Guacira Lopes Louro (1995), “história da educação na perspectiva do gênero é mais do que uma opção teórica ou pedagógica; é uma opção política” (p.124).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a forma como as questões de gênero são apresentadas nos livros didáticos de história do Ensino Médio, para que, assim, se pudesse perceber a forma como a mulher é representada neles. Quando se estuda questões de gênero, volta-se um olhar diferente para a sociedade, para o que ali está definido e imposto a homens e mulheres. Isso é uma construção social e cultural, mas, como lembra a autora Guacira Lopes Louro (1994), há diferentes construções dos gêneros femininos e masculinos na mesma sociedade, que têm, como base, diferentes modelos de ideais e imagens que representam diversas classes, raças, etnias e religiões. Compreende-se, a partir daí, que os símbolos que norteiam os indivíduos e os inserem dentro das definições do que seja ser homem e mulher não são naturais, nascidos com cada um: a categoria de gênero faz com que todos percebam mais nitidamente as diferenças e possam compreendê-las como construções.

As desigualdades entre os gêneros não são biológicas, e parece ser repetitivo e até mesmo cansativo sempre bater-se na mesma tecla, dizendo que todos são iguais, que não há inferiores ou incapazes, dependendo do sexo, mas é importante perceber como a sociedade está governada pelo poder. Uma das maiores dificuldades na realização deste trabalho foi estudar e compreender um tema pouco conhecido. Ao longo da jornada da autora na Universidade Federal da Fronteira Sul/*campus* Erechim, poucas, foram as vezes que eu tive a oportunidade de estudar sobre as relações de gênero, o primeiro contato com os conceitos de gênero como uma categoria analítica, foi na produção deste trabalho.

Os resultados obtidos com esse trabalho fazem perceber o quão longe ainda se está de um livro didático de história essencial para os alunos brasileiros. Apenas informar as desigualdades existentes entre os gêneros não quer dizer discuti-las, e é necessário o diálogo para que haja transformação. Espera-se que este trabalho, de alguma forma, ajude os professores e professoras de história a selecionar os livros didáticos de uma forma mais crítica. Como o livro didático é um material presente em quase todas as salas e, na maioria delas, como protagonista na relação ensino aprendizagem, torna-se fundamental estudar e analisar a forma como os conteúdos são apresentados aos alunos. Aqui, considera-se que os livros didáticos são veículos de saberes, que podem ou não perpetuar pré-conceitos e valores, tidos como aqueles que devem ser seguidos, sem problematizar quais serão os seus reflexos na sociedade. É desafiador escolher livros didáticos questionando sempre sobre o que e como eles apresentam

os conteúdos, pois, para que se possam fazer uma boa escolha, deve-se ter um conhecimento básico sobre essa ferramenta. Porém, isso será necessário, se se desejar mudar a sociedade para melhor, sem desigualdade entre homens e mulheres, sem preconceitos muitas vezes perpetuados com a ajuda dos livros didáticos.

Este trabalho aceitou o desafio de analisar e realizar uma escolha mais crítica do livro didático: isso também levará a uma mudança na produção dos mesmos. Deve-se pensar em livros que, ao mesmo tempo, sejam próximos da realidade dos alunos e alunas, mas que não reproduzam o que nela tiver de tendencioso, levando, assim editoras, autores e autoras a (re) pensarem a forma de como estão produzindo esses materiais. É necessário também lembrar que o livro didático é, para muitos professores, sua fonte de conhecimento e de pesquisa. Por isso, a melhoria dos livros didáticos de história não irá apenas refletir no que o/a aluno (a) vai aprender, mas também na forma como o professor vai tomar posse desse conhecimento e, posteriormente, repassar para a turma.

No instante que se tem em mãos o PNLD, independente do ano, começa uma jornada de escolha dos livros didáticos, uma jornada que será de extrema importância. Selecionar o melhor material é o objetivo final, mas, como saber se o livro didático escolhido é o melhor? Este trabalho defende a ideia de que o professor deva possuir um grau teórico qualificado sobre cada conteúdo tratado nos livros didáticos, bem como ter condições de refletir sobre a forma como as questões de gênero estão representadas nesse material, através dos conceitos utilizados, das imagens e dos discursos presentes. Isso tudo irá, no final, contribuir para um melhor desempenho do (a) professor (a) na sala de aula, já que, com isso, estará mais próximo da realidade de cada aluno e aluna.

5. FONTES DE PESQUISA

AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento**. 2º edi. 2013.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História das cavernas ao terceiro**. 3ºedi. 2013.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História sociedade e cidadania**. 1ºedi. 2013

MESQUITA, João Paulo; FERREIRA, Hidalgo; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Nova história integrada**. 3ºedi. 2013.

PELEGRINE, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **Novo olhar História**. 2ºedi. 2013.

SANTIAGO, Pedro; CERQUEIRA, Célia; PONTES, Maria Aparecida. **Por dentro da História**. 1ºedi. 2010.

VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos. **História**. 1ºedi. 2010.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História geral e do Brasil**. 2ºedi. 2013.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Karina Mirian da Cruz Valença. **A subjetivação da mãe naturalista como modelo: a maternidade como efeito das pedagogias culturais**. 2012. Disponível em: 35reuniao.anped.org.br/trabalhos/137-gt23

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de segurança Pública 2015**. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/9o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica>

BRASIL. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **Igualdade ou Heteronormatividade? Jovens mulheres comunicando sentidos significados**. 2014. Disponível em: www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt23-4575.pdf

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **A educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil**. 2010. Disponível em: 33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/.../GT23-6673--Int.pdf

BORIS, Fausto. **História do Brasil**. -13.ed., 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BORSA, Juliane Callegaro; FIEL, Cristiane Friedrich. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão**. 2008. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>.

BRABEC, Júlio César Alves; SANTANA, Anabela Maurício. **Mulher, Política e Trabalho: A luta pelos espaços públicos e as relações de gênero**. 2008.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino Caregnato; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadãos ativos: A revolta da vacina*. In: *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Gênero, sexualidade e desempenho escolar: modos de significar os comportamentos de meninos e meninas**. 2007. Disponível em: www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-3467-int.pdf

DANIEL, Camila. **O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho.** O Social em Questão - Ano XIV - nº 25/26 - 2011.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais.** Cartografias. Website de estudos culturais, 2006. Disponível em: www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias.

FILHO, Amílcar Torrão. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam.** cadernos pagu (24), janeiro-junho de 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332005000100007>.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Lições de texto.** Leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GROSSI, Mirian Pillar; MIGUEL, Sônia Malheiros. **Transformando a diferença: As mulheres na política.** ESTUDOS FEMINISTAS, 2001.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional:** Novas políticas em educação. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, pag.52. 1999.

HALL, Stuart 1996 [1992]: Cultural studies and its theoretical legacies. In MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), Stuart Hall - Critical Dialogues in Cultural Studies, London/New York: Routledge, 262-275.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad).** 2014.

IPEA- Instituto de Pesquisa Aplicada. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde.** 2014. Site: <http://www.ipea.gov.br/portal/>

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In TEIXEIRA, Marli; EMÍLIO, Marilane; NOBRE, Miriam; GODINHO Tatau. (org.). **Desafios para as políticas públicas: trabalho e cidadania para as mulheres.** São Paulo, 2003. p. 55-64.

KRENISKI, Gislania Carla Potratze; SENNA, Adriana Kivanski de. **O Gênero nos livros Didáticos de História como meios de ensino.** XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. ANPUH. Natal-RN. Junho/2013.

KEHRWALD, Isabel Petry. **Artes Visuais: Ler e escrever em artes visuais.** In: Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Pág.27 – 9.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

LOURO, Guacira Lopez. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. Proj. História, São Paulo, (11) nov. Pág.35.1994.

LOURO, Guacira Lopez. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. Educação & Realidade, v.20, n.2,1995.

LOURO, Guacira Lopez. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

MAIA, Cláudia. **Gênero e Historiografia: um novo olhar sobre o passado das mulheres**. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 28, n. 2 – Jul./Dez. 2015.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Estudos de Gênero: Percursos e Possibilidade na Historiografia Contemporânea. Cadernos pagu (11) 1998: p.69.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Sobre a categoria de gênero na História**. DEDS em revista. Porto Alegre, nº1, Vol.1,2016. Publicação de DEDS/PROEXT/UFRGS.

MINAYO, M.C.S(org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes,2001.

MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tania Regina de. **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD**. Unesp–Assis, Revista Brasileira de História, vol. 24, nº 48. p.131,2004.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NEVES, Paulo Rogério da Conceição. **Violência, traição e gênero: uma briga de meninas em uma escola privada**. 2006. Disponível em: 35reuniao.anped.org.br/trabalhos/137-gt23?format=pdf

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução**. AURORA ano IV número 6 – agosto de 2010, p. 59.

OLIVEIRA, Wilson Sousa. **A imagem da mulher nos livros didáticos e relações de gênero**. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/download/2078/1817>

PASTRO, Sonia Maria Gazola; CONTEIRO, Diná Tereza. **Uma Análise do Ensino de História e o Livro Didático. História e Ensino**. Londrina. v. 8, edição especial, p.56-99, out. 2002.

PASINATO, Wânia. **“Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil**. Cadernos pagu (37), julho-dezembro de 2011: p. 219-246.

PEREIRA, Amanda Gonçalves. **Divisão sexual do trabalho: limitação à igualdade de gênero e ao desenvolvimento**. Disponível em:
www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/375/211.

PELEGRINE, Mauricio A. **FOUCAULT, FEMINISMO E REVOLUÇÃO**. Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012. p.3.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Estudos de Gênero e História Social**. Estudos Feministas, Florianópolis, 17(1): 159-189, janeiro-abril/2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORI, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

Guia de livros didáticos: PNLD 2015 : história : ensino médio. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORI, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Almira. **As Mulheres e as Eleições: uma Análise de Gênero e Etnia no Espaço da Política**. As Mulheres e a Política: uma Análise de Gênero e Etnia no Espaço da Política. Julho de 2005.

SCHWENGBER, Maria Simone. **Ensina-se a mais antiga das artes às mulheres: a de ter filhos e tornar-se mãe carinhosa**. 2008. Disponível em:
31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT23-3996--Int.pdf

SCHWENGBER, Maria Simone. **Pobres meninas “ricas” com a gravidez**. 2009. Disponível em: 32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5183--Res.pdf

SCOTT, Joan W. **"Gênero: uma categoria útil de análise histórica"**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p.75, jul./dez. 1990.

SCOTT, Joan W. **História das mulheres**. In. BURKE, Peter.(Org.) A Escrita da História: Novas Perspectivas. Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SILVA, Cristiani Bereta da. **O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero e nos livros didáticos de história.** Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.

SILVA, Luciano Ferreira da; SEFFNER, Fernando. **Estranhando a norma.** 2016.
Disponível em:
http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wpcontent/uploads/2015/11/eixo18_LUCIANO-FERREIRA-DA-SILVA-FERNANDO-SEFFNER.pdf

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil.** Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** 2013, p.3.
Disponível em:
<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferen%C3%A7a%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf>

SIQUEIRA, Tatiana Lima. **Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero.** Revista Ártemis. vol.8, junho, 2008. Pág.110-117.

VARGAS, Juliana Ribeiro de; XAVIER, Maria Luisa Merino. **A feminilidade em discurso: mídias musicais contemporâneas produzindo modos de ser jovem e mulher.** 2013.
Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/feminilidade-em-discurso-midias-musicais-contemporaneas-produzindo-modos-de-ser>.